



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**INTERTEXTUALIDADE E AS FRONTEIRAS DO SER: UMA ANÁLISE DA
INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NO CONTO *O BELO ADORMECIDO***

Catarine de Souza Cunha

Rio de Janeiro

2023

CATARINE DE SOUZA CUNHA

**INTERTEXTUALIDADE E AS FRONTEIRAS DO SER: UMA ANÁLISE DA
INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NO CONTO *O BELO ADORMECIDO***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Profa. Dra. Ângela Beatriz de Carvalho Faria

Profa. Dra. Maria Lucia Guimarães de Faria

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

d357i de Souza Cunha, Catarine
INTERTEXTUALIDADE E AS FRONTEIRAS DO SER: UMA
ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NO CONTO O
BELO ADORMECIDO / Catarine de Souza Cunha. -- Rio
de Janeiro, 2023.
72 f.

Orientadora: Ângela Beatriz de Carvalho Faria.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Inglês, 2023.

1. Intertextualidade. 2. Lídia Jorge. 3. O Belo
Adormecido. 4. androginia. 5. construção da
identidade. I. Beatriz de Carvalho Faria, Ângela,
orient. II. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe, meus amigos e a todos que me apoiaram nessa longa jornada universitária.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiro, a Deus por ter me dado força, sabedoria e disposição na construção desta monografia.

Sou grata, também, a minha mãe, por todo carinho, amor incondicional, suporte, força, extrema dedicação e paciência. Sem ela, nada disso seria possível. Ela me ajudou em todos os instantes que eu pensei em desistir, esteve comigo nos piores momentos e ouviu muito de meus choros e lamentações, nunca largou minha mão e sempre lutou junto comigo. Um exemplo do que é ser mãe. Uma grande parceira! Tudo que sou e onde cheguei se deve a ela, a educação e o apoio que esta mulher incrível me proporcionou. Conseguimos, Dona Mírian!

Ao meu padrinho, Guido, por todo suporte, conversas e conselhos. Por ser pai, amigo e ouvinte nas horas mais conturbadas e, também, por todos os ótimos momentos de risada e distração. Levo sua dedicação e empenho profissional como um exemplo para minha vida. Espero ser, pelo menos, metade do que o Sr. é!

Aos meus amigos, pelo apoio incessante ao longo da faculdade, eles me deram força, apoio e incentivo para continuar a minha jornada universitária e chegar até aqui.

Agradeço, por fim, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a tudo que esta instituição me proporcionou e a todos os professores e professoras que marcaram a minha caminhada nesta faculdade e, em especial, a minha orientadora Ângela Beatriz de Carvalho Faria que disponibilizou seu tempo para me orientar e, reconheceu em mim e em meu trabalho, o necessário para criar uma ótima monografia. Sou muito grata pela disponibilidade e confiança!

RESUMO

Este trabalho pretende estabelecer as relações intertextuais presentes no *corpus* de análise *O Belo Adormecido*, de Lídia Jorge, explicitar o diálogo com as obras: *A Bela Adormecida*, de Perrault e dos irmãos Grimm, a ressonância de *Hamlet*, de Shakespeare, o “ser ou não ser, eis a questão” e *Orlando*, de Virginia Woolf. Para isso, baseou-se nos conceitos de intertextualidade postulados por Bakhtin (1979), Kristeva (1974), Barthes (2004), Samoyault (2008) e Cavalcante (2017). Objetiva-se, assim, discutir como essas relações dialógicas são justapostas pela autora ao longo da obra e corroboram para a construção de sentido e para desvelar questões sociais atuais, refletidas a partir das personagens de Jorge na narrativa. Dessa forma, a partir da intertextualidade ou o diálogo entre textos de diferentes épocas, serão elucidadas questões referentes à inversão de papéis preestabelecidos impostos à figura masculina e feminina, o desejo das personagens de “ser” e “estar”, a construção do ser, a construção da identidade, sexualidade e androginia.

Palavras-chave: Intertextualidade; Lídia Jorge; *O Belo Adormecido*; inversão de papéis; desejo de ser; construção do ser; construção da identidade; sexualidade; androginia.

ABSTRACT

This work aims to establish the intertextual relationships in the *corpus O Belo Adormecido* by Lídia Jorge. It will explain the dialogue between the works: *Sleeping Beauty* by Perrault and the Brothers Grimm, *Hamlet* by Shakespeare, the famous quote “to be or not to be”, and *Orlando* by Virginia Woolf. For this, it was based on the intertextuality concepts postulated by Bakhtin (1979), Kristeva (1974), Barthes (2004), Samoyault (2008), and Cavalcante (2017). The objective is to discuss how these dialogical relationships are juxtaposed by the author throughout the work, contributing to the construction of meaning and unveiling current social issues reflected through Jorge’s characters in the narrative. Thus, through intertextuality or the dialogue between texts from different periods, this work aims to elucidate issues related to the reversal of pre-established roles imposed on male and female figures, the characters’ desires to “be”, the construction of self, identity, sexuality, and androgyny.

Keywords: Intertextuality; Lídia Jorge; *O Belo Adormecido*; role reversal; the desire of the being; self-construction; identity formation; sexuality; androgyny.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 METODOLOGIA.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 INTERTEXTUALIDADE	12
3. ANÁLISE INTERTEXTUAL	17
3.1 ASPECTOS INTERTEXTUAIS DE <i>A BELA ADORMECIDA</i> EM <i>O BELO ADORMECIDO</i> : INVERSÃO DE PAPÉIS.....	18
3.2 ASPECTOS INTERTEXTUAIS DE <i>HAMLET</i> EM <i>O BELO ADORMECIDO</i> : DESEJO DE “SER” E “ESTAR” DAS PERSONAGENS DE LÍDIA JORGE EM <i>O BELO ADORMECIDO</i> E A CONSTRUÇÃO DO SER.....	22
3.3 ASPECTOS INTERTEXTUAIS DE <i>ORLANDO</i> EM <i>O BELO ADORMECIDO</i> : CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE, SEXUALIDADE & ANDROGINIA	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	30
ANEXO.....	33

1. INTRODUÇÃO

Em um podcast¹, Lúdia Jorge, escritora portuguesa renomada, fala sobre o modo como tece suas obras narrativas, como ela vê seu papel como escritora, o que a move em sua escrita e sua opinião sobre literatura. A autora escreve sob o escopo ficcional como uma forma de sobressaltar questões sociais emergentes e reais com o objetivo de reproduzir a realidade social a partir de suas personagens e situar o leitor na literatura e no mundo. Torná-lo consciente de seu papel. Jorge (2019) relata sobre a escrita de seus livros que:

[...] É, sobretudo, uma espécie de relação das sociedades com o seu destino através de histórias pessoais, de histórias singulares, de figuras que possam encarnar aquilo que é a luta do homem contemporâneo com o seu sentido na terra, e o seu sentido entre os outros, é isso, é esse sentimento de inteireza que eu, no fundo, procuro passar nos meus livros. [...] Aquilo que hoje é a literatura que eu mais prezo, é aquela que pretende desocultar o sentido da modernidade. O que está oculto para a modernidade e ajudar a cada leitor a perceber-se do seu papel no tempo que está a correr que é um tempo sempre presente, o presente tem sempre duas faces: (1) uma de grande clareza, que se percebe no dia a dia e outra (2) que está escondida, só se vê depois. É bom que a literatura seja precisamente uma arte que ajuda a perceber o que vem depois. [...] Apesar da literatura ser infinita, cada escritor deve procurar sempre acrescentar sua palavra, procurar essa sua palavra, porque a literatura é isso mesmo, uma espécie de sobreposição de textos selvagens, que não tenham um saber condicionado por um pensamento estruturado, é um pensamento que sai da vida e dirige-se indiretamente à vida.

Lúdia Jorge fomenta a necessidade de inserir a literatura em permanente diálogo com questões sociais, políticas e históricas. Em sua escrita, Jorge revisita o passado a partir da literatura e traz o passado consigo, como uma herança, visando transformá-lo e adaptá-lo às novas necessidades e questões. A autora faz um diálogo com outras obras, de outros autores, de outras épocas e com outras temáticas para tratar de temas atuais. Jorge assiste-se da palavra do outro, para nela introduzir novas questões, novos sentidos, conservando, sempre, a originalidade, porém, ressignificando as histórias.

São críticas implícitas e sutis relacionadas às temáticas tão urgentes e emergentes da sociedade contemporânea que a autora introduz em suas obras. É demandado do leitor atentar a esses indícios, perceber que nada no conto é gratuito, para, só assim, entender as entrelinhas. Lúdia Jorge retrata essas temáticas a partir da história pessoal de cada

¹ RFI. Lúdia Jorge e “a arte mais difícil de todas”. RFI Portugal. 2019. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/pt/angola/20190203-lidia-jorge-e-o-sobressalto-da-literatura>>.

personagem e nos faz refletir sobre elas a partir da visão de cada um deles. Por exemplo, no conto *O Belo Adormecido*, que será o *corpus* de análise deste trabalho, a autora inverte os papéis impostos pela sociedade a homens e mulheres para demonstrar que tanto os homens como as mulheres devem ter suas identidades validadas e, que essas pessoas podem transitar entre todos os papéis. Além disso, fica evidente na obra a temática referente ao desejo: desejo de ser e estar e questões de sexualidade. Todas essas questões estão subjacentes, como veremos adiante, às práticas intertextuais, objetivando uma nova configuração textual e temática.

No *corpus* escolhido, a autora coloca a figura feminina como observadora do que está a sua volta, porta-voz dos acontecimentos que a cercam, dotada de certo poder e, portanto, narradora e protagonista na trama. A autora vislumbra, em suas obras, um afastamento de suas personagens dos cânones da tradição, permitindo-lhes deixar a sua marca na sociedade. A partir de sua narrativa, Jorge tem a intenção de mostrar que “aquilo que é feminino pode ser encontrado em homens e mulheres” (TRILHO, 2016, p. 4) e exteriorizar questões da sociedade contemporânea a partir da intertextualidade.

Neste trabalho, procura-se apontar e analisar os recursos intertextuais presentes no conto *O Belo Adormecido*, o diálogo das obras *A Bela Adormecida*, *Hamlet* e *Orlando* com o conto em questão. Além disso, pretende-se apresentar como essas relações textuais estabelecidas no conto trazem para a narrativa de Jorge tradições passadas, como elas são tratadas e como levam à discussão de questões mais profundas e atuais.

E, a partir daí, discute-se a intertextualidade sob a ótica de questões despontantes no conto: a inversão dos papéis femininos e masculinos, o desejo de “ser” e “estar” das personagens no mundo, a construção do ser, a construção da identidade dos sujeitos, a sexualidade e androginia. As questões norteadoras do presente trabalho são: Qual é o papel da intertextualidade no conto *O Belo Adormecido* de Lídia Jorge? Como essa técnica discursiva literária utilizada pela autora contribui para fazer emergirem questões sociais da contemporaneidade dentro dessa narrativa ficcional?

Pretende-se responder tais questões: (1) conceituando intertextualidade sob a visão de diferentes autores, (2) apontando e analisando os recursos intertextuais utilizados e (3) relacionando e interpretando os mecanismos intertextuais utilizados diante das questões propostas por Lídia Jorge no conto *O Belo Adormecido*. A ideia central é mostrar os aspectos intertextuais e a relação dialógica das três obras: o conto de fadas *A Bela Adormecida*, a ressonância de *Hamlet*, de Shakespeare e *Orlando*, de Virginia Woolf,

dentro do *corpus* de análise e refletir sobre como Jorge constrói sua escrita e suas personagens, orienta o leitor e instiga questões contemporâneas na obra.

Sobretudo, este trabalho pretende contribuir no âmbito acadêmico sobre intertextualidade dentro da literatura — mais especificamente na compreensão da obra de Lídia Jorge —, potencializando reflexões sociais a partir de “heranças” na criação do “novo”. Portanto, como fundamentação teórica do presente trabalho para descrever o desdobramento dos conceitos de intertextualidade, serão utilizados os autores: Bakhtin (1979), Kristeva (1974), Barthes (2004), Samoyault (2008) e Cavalcante (2017). E, em específico, quando for feita a análise sobre os aspectos intertextuais do conto de fadas *A Bela Adormecida* presentes na obra de Lídia Jorge, será utilizado o autor Bettelheim (1974).

1.1 METODOLOGIA

O presente trabalho, desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, apresenta uma metodologia qualitativa que pretende apontar, analisar e interpretar as aparições de elementos intertextuais e diálogo com outras obras utilizados pela autora no conto *O Belo Adormecido*. Além disso, visa-se estabelecer uma conexão entre os textos literários de cunho teórico e o conto, logo, o objetivo aqui não é explorar as diversas narrativas de Lídia Jorge, e nem determinar a quantidade de surgimentos intertextuais na obra.

Para discutir a intertextualidade nesta obra fez-se um recorte metodológico, sendo assim, o objeto de análise principal deste trabalho é o conto *O Belo Adormecido*. No entanto, recorreu-se, de forma concisa, ao conto de fadas *A Bela Adormecida*, à ressonância de *Hamlet*, de Shakespeare e à obra *Orlando*, de Virginia Woolf, quando relevante para a análise da intertextualidade presente no *corpus*. Utilizaremos as obras com a finalidade de analisar a obra principal e não cada uma delas em individual, portanto, quando for pertinente para fins de análise intertextual e das questões trabalhadas neste estudo, estabeleceremos relações entre o *corpus* e as obras mencionadas acima.

Com o objetivo de propor o que fora citado acima, procurou-se uma leitura minuciosa do conto com o objetivo de atentar para os recursos intertextuais utilizados pela autora dentro da obra. O trabalho almeja, também, identificar as referências, alusões e os elementos que contribuem para o desenvolvimento das questões sociais a partir da intertextualidade, bem como a leitura das obras já mencionadas.

A análise do *corpus* tem como objetivo principal mapear os diálogos intertextuais e interpretar as implicações sociais resultantes dessas conexões estabelecidas por Lídia Jorge. A análise se realizará de forma descritiva e será dividida em três seções separadas para cada obra: (1) análise dos aspectos intertextuais de *A Bela Adormecida* presentes em *O Belo Adormecido*, como a autora utiliza esses mecanismos e por quê, e, em seguida, buscar relacionar os elementos intertextuais utilizados por Lídia Jorge para entender a inversão de papéis; (2) análise dos aspectos intertextuais de *Hamlet*, em *O Belo Adormecido*, como eles aparecem, em que momento e com que objetivo, e, posteriormente, busca-se relacionar esses elementos com as constantes utilizações de “ser” e “estar” das personagens de Lídia Jorge ao longo da obra e como isso ajuda na construção do ser e, por fim, (3) análise de aspectos intertextuais de *Orlando* em *O Belo Adormecido*, com que finalidade a autora utilizou essa obra no conto e como ela ajuda na construção do desenlace da temática abordada, e a seguir, relacionar os diálogos entre as obras à questão da formação de uma sexualidade e a androginia presentes no conto.

As teorias utilizadas aqui como base para a análise e interpretação são, em geral, postulados bakhtinianos anteriores que deram origem a intertextualidade como conceito. Portanto, os autores utilizados para analisar o diálogo entre as obras e aspectos intertextuais serão: Bakhtin (1979), Kristeva (1974), Barthes (2004), Samoyault (2008) e Cavalcante (2017). Ademais, o autor Bettelheim (1974) será utilizado como aporte teórico na análise, para tratar de questões literárias relativas ao conto de fadas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, objetiva-se analisar as teorias e os conceitos sobre intertextualidade a partir dos pressupostos teóricos de autores que se debruçaram sobre este campo e estudos da área. Apesar do extenso escopo de pesquisa acerca do tema intertextualidade, fez-se um recorte metodológico dos conceitos relevantes para o trabalho. Isto posto, focalizaremos especificamente nas relações intertextuais estabelecidas por copresença: citação, referência e alusão.

2.1 INTERTEXTUALIDADE

Estudos realizados por Samoyault (2008) mostram que o conceito de intertextualidade é muito extenso e veio se modificando de forma significativa ao longo dos anos. Suas definições foram se multiplicando e se expandindo, uma vez que o conceito de dialogismo proposto por Bakhtin foi de grande ajuda no desenvolvimento da

definição. Apesar disso, por ser generalizante e não mostrar, de forma concreta, as várias aparições de vozes nas obras literárias, não deu conta de explicar outras questões de cunho literário como: a leitura e o leitor, por exemplo. Segundo Araujo (2020, p. 152):

[...] Bakhtin foi um dos primeiros estudiosos da literatura a formular uma teoria na qual o texto é considerado um encontro entre diversas escrituras, um diálogo entre várias instâncias: a do escritor, dos personagens e do contexto histórico contemporâneo e/ou anterior. Note-se de passagem que essa definição exclui a visão de literatura como algo fechado em si mesmo e introduz a do texto como uma produção inserida na sociedade e na história.

Nessa lógica, rememorando os estudos bakhtinianos do dialogismo sob o qual a multiplicidade de discursos é conduzida a partir das palavras, o autor propõe que o texto se constitui a partir de um entrelaçamento de discursos. Enunciados menores são redistribuídos ou transpostos, objetivando-se a construção de um novo texto a partir de outros antecedentes. Bakhtin acredita que “o diálogo é uma escritura onde se lê o outro” (KRISTEVA, 1974, p. 67). O dialogismo por ele proposto ilustra o processo de escrita como simultaneamente subjetividade e comunicatividade e, portanto, intertextual². Nas palavras de Kristeva (1974, p. 62):

[...] a “palavra literária” não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior [...] Bakhtine situa o texto na história e na sociedade, encaradas por sua vez como textos que o escritor lê e nas quais ele se insere ao reescrevê-las. A diacronia se transforma em sincronia e à luz dessa transformação, a história linear surge como uma abstração; a única maneira que tem o escritor de participar da história vem a ser, então, a transgressão dessa abstração através de uma escritura-leitura.

Portanto, para Bakhtin (1979), “todo texto é composto por elementos exteriores e comuns a outros textos, e as particularidades de cada um deles dependem da forma como estes elementos comuns são recombinaados” (ARAUJO, 2020, p. 151). Para o autor, um texto se constitui a partir das relações dialógicas que estabelece com outros textos, podendo dialogar com textos passados e, também, voltar-se para o futuro, à espera de respostas. No postulado bakhtiniano, retomam-se vozes alheias, de textos passados, e volta-se às vozes futuras, que podem ser próprias ou alheias. Portanto, um texto pode se relacionar de diversas formas com outros exemplares textuais: responder, reinterpretar e/ou contestar, de modo a favorecer a geração de novos significados e perspectivas.

² Conceito introduzido por Kristeva.

Fica incumbido à intertextualidade, então, revelar as experiências culturais retratadas a partir de inúmeras vozes dentro do texto e como elas se cruzam na construção dos sentidos. Nesse escopo, é válido ressaltar que os preceitos de dialogismo estipulados por Bakhtin não preveem a localização de intertextos dentro das obras literárias, nem a compreensão das relações intertextuais, de um estudo concreto das obras literárias, mas sim, preveem mostrar o eco das múltiplas vozes/discursos no mundo.

Segundo Araujo (2020, p. 154), “Os textos antigos apresentam questões a serem discutidas pelo texto moderno e este, por sua vez, proporá novas perguntas aos textos vindouros dos quais fará parte, e assim por diante”. Sendo assim, um texto pode manifestar diversas vozes de outros textos, que podem aparecer de forma implícita ou explícita e coexistir dentro dele.

É nesse âmbito que Kristeva (1974), embasada por estudos bakhtinianos anteriores, contempla o texto como um “mosaico de citações” de outros textos preexistentes que são absorvidos e transformados até virar um novo texto. A autora reitera, ainda, que alguns textos podem conjecturar em suas estruturas discursos passados ou atuais, e esses discursos presentes nos novos textos constituem-se propriedade dos novos textos nos quais estão inseridos.

Barthes (2004, p. 62), por sua vez, argumenta que “o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura”, portanto, a leitura de um texto e a construção de sentido não depende unicamente de seu criador, autor ou “personagem moderna”, como ele próprio chama, mas envolve a mobilização de conhecimentos prévios do leitor e referências intertextuais.

Samoyault (2008) também define intertextualidade como a presença de um texto em outro texto, que pode ser um entrelaçamento, incorporação ou diálogo. Para a autora, o processo intertextual consiste em manifestações de outros textos literários que se agrupam formando uma tessitura. Segundo Samoyault (2008, p. 9-10), “a retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânon ou inspiração voluntária”.

Mais tarde, pode-se dizer que o conceito de intertextualidade deixou de ser puramente teórico e começou a ser estudado em seu sentido prático. Segundo Cavalcante (2017), Genette (1982) começou a estudar os processos intertextuais no âmbito do discurso literário. As relações estabelecidas entre um texto e outro. Além disso, também surgiram os estudos de Piègay-Gros (1996), que organizaram os postulados de Genette e ampliaram os estudos para a esfera da literatura.

A proposta das relações intertextuais, seguindo esses autores, consiste em uma divisão de relações intertextuais estabelecidas por (1) copresença: citação e referência, que aparecem de forma explícita no texto, plágio e alusão, que são ocorrências implícitas. E as relações intertextuais por (2) derivação: paródia, travestismo burlesco e pastiche. Para este trabalho, deu-se especial relevância às relações de copresença, em especial, citação, referência e alusão.

Levando em conta os estudos de Genette (1982) e Piègay-Gros (1996), Cavalcante (2017, p. 147) elucida que as relações de copresença “são aquelas em que é possível perceber, por meio de distintos níveis de evidência, a presença de fragmentos de textos previamente produzidos, os quais são encontrados em outros textos”, ou seja, é possível perceber a copresença de um texto em outro, seja de forma implícita ou de forma explícita. A citação é uma forma explícita, geralmente vem acompanhada por sinais tipográficos que demarcam os limites entre o trecho citado e o texto alvo. A referência é, igualmente, realizada de forma explícita, a diferença é que a remissão a outro texto não necessariamente tem a citação de um fragmento textual. Pode-se usar somente o nome do autor, da obra, de personagens etc. Em contrapartida, a alusão é uma retomada implícita. São indícios/pistas deixadas ao longo do texto que demandam do leitor fazer inferências, ativá-los, a partir de sua memória.

Nota-se, portanto, que os estudos intertextuais se desenvolveram extensivamente e apoiaram-se em análises mais profundas sobre as obras literárias e as ocorrências de relações intertextuais dentro delas, visando uma maior contribuição na construção de sentido com teorias que abrangem todo o escopo de significado de uma obra. De acordo com a autora Samoyault (2008, p. 42):

Em vez de obedecer a um sistema codificado muito estrito, a intertextualidade busca mais, hoje, mostrar fenômenos de rede, de correspondência, de conexão, e fazer dele um dos principais mecanismos da comunicação literária. A noção continua sendo instável, na medida em que as teorias não lutam mais pela predominância, mas se tornou precisa na medida em que seu sentido se restringiu e que seu uso crítico precedeu seu uso exclusivamente teórico. Se se aceitar tratar fenômenos descritos por Bakhtin em termos de polifonia e de diálogo, é possível limitar a intertextualidade à aproximação de fatos textuais precisos e localizáveis, fazer dela um conceito crítico operatório e estabelecer sua tipologia.

Os novos estudos intertextuais não são mais rígidos e propõem tratar a intertextualidade sob uma visão prática, dentro da própria literatura. A partir deles foi se observando que o autor não é a única fonte de significação de um texto, que, na verdade,

seu significado é construído a partir de interações entre o autor, o leitor e os elementos intertextuais presentes no texto. Além disso, foi possível perceber, a partir desses estudos mais aprofundados, que os textos são criados a partir de contextos culturais e influências sociais, históricas e políticas de uma determinada época. Isto é, os sentidos presentes em uma obra são inerentes às construções existentes no mundo, já que o texto se dá sempre em relações de diálogo entre autor-leitor e obra-contexto.

Portanto, Samoyault reitera que (2008, p. 68):

A intertextualidade é o resultado técnico, objetivo, do trabalho constante, sutil e, às vezes, aleatório, da memória da escritura. A autonomia e a individualidade mesma das obras repousam sobre seus liames variáveis com o conjunto da literatura, no movimento do qual elas desenham seu próprio lugar. Este último não é determinista, já que se define sob diferentes pontos de vista: historicamente — pela pertença da obra a uma corrente historicamente definida ou não, por sua identificação numa época, sujeita também à variação —, como gênero — pela relação da obra literária com a classe na qual ela se localiza —, como reconhecimento — pela pertença variável desta obra ao cânone —, como estilo de discurso — pela modificação possível do caráter discursivo de um texto. Isto explica também que “a memória das obras”, para retomar a bela expressão de Judith Schlanger, seja um espaço instável, onde o esquecimento, a lembrança fugaz, a recuperação repentina, o apagamento temporário atuam plenamente. As práticas intertextuais informam sobre o funcionamento da memória que uma época, um grupo, um indivíduo têm das obras que os precederam ou que lhe são contemporâneas. Elas exprimem ao mesmo tempo o peso desta memória, a dificuldade de um gesto que se sabe suceder a outro e vir sempre depois.

Os estudos sobre os processos intertextuais desvelam temáticas, traços, motivações e contextos que ecoam em diferentes textos. Permitem reconhecer o diálogo entre obras de diferentes épocas, contextos e tradições, as influências literárias precedentes e as obras canônicas. A análise intertextual contribui para mapear a literatura e entender como as representações literárias e os estilos se modificam e se expandem com o passar dos anos. Sendo assim, em conformidade com Samoyault (2008, p. 101):

As análises precedentes mostraram quanto o exame da noção de intertextualidade engajava a reflexão sobre a natureza, as dimensões e a mobilidade do espaço literário. É surpreendente ver a que ponto essa noção parece necessária a qualquer caracterização da literatura, já que também parece impossível fazê-lo sem remeter ao modo como esta se elabora enquanto um campo autônomo. E o que existe de mais revelador, para a constituição desta autonomia, que a referência que a literatura cessa de fazer ao seu próprio universo. A tal ponto que o jogo da referência — a maneira como a literatura remete a si mesma — parece sempre contradizer o da referencialidade — o liame da literatura com o real.

Em suma, recapitulando alguns autores e suas teorias, para Cavalcante (2017), intertextualidade é um conceito utilizado para descrever a relação estabelecida com outros textos. Segundo Kristeva (1974, p. 62), a “palavra literária” é um “cruzamento de superfícies textuais”, ou seja, “um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem) do contexto cultural atual ou anterior”, portanto, todo texto é um “mosaico de citações” de outros textos existentes, que podem ser absorvidos/transformados, formando um “tecido intertextual”. Bakhtin (1979) enfatiza que a ação do autor tem um caráter dialógico particular, ou seja, o autor estabelece uma relação nova que reúne sua verdade e a do outro, sendo assim, para ele, todo texto é uma resposta a outro texto preexistente e isso cria múltiplas perspectivas.

Portanto, as reflexões e descrições teóricas aqui presentes visam contribuir no sentido de evidenciar as ocorrências intertextuais inseridas por Lídia Jorge no conto *O Belo Adormecido*: as referências realizadas ao conto de fadas *A Bela Adormecida*, referenciado de forma explícita no conto, a partir do título. A alusão à ressonância de *Hamlet*, retomada implícita, que demanda do leitor acionar a memória com o intuito de fazer inferências para reconhecer os indícios intertextuais empregados pela autora, e por fim, as referências feitas a *Orlando*, estas explícitas, onde Jorge utiliza o nome da autora, da personagem e da atriz para fazer remissão à obra.

Pretende-se, então, apontar e analisar esses indícios intertextuais, levando em conta os estudos mencionados acima, além de salientar questões mais profundas expressas ao abrigo dos recursos intertextuais presentes no conto *O Belo Adormecido*.

3. ANÁLISE INTERTEXTUAL

Ao longo do conto *O Belo Adormecido*, constatam-se alusões e referências a outras obras, tais como *A Bela Adormecida*, *Hamlet* e *Orlando*. Verifica-se, portanto, que o conto *corpus* de análise deste trabalho contém relações intertextuais pertinentes para o entendimento da obra de Lídia Jorge. Sendo assim, neste capítulo, apontaremos e analisaremos, a partir dos pressupostos teóricos fundamentados pelos autores explicitados na seção anterior, os fenômenos intertextuais expressos na unidade textual construída por Lídia Jorge. Para isso, também utilizaremos como auxílio às interpretações, os estudos de Bettelheim (1974) sobre os contos de fadas.

Isso posto, convém fazer aqui uma breve contextualização sobre o *corpus*. O conto *O Belo Adormecido*, da autora Lídia Jorge, explora os aspectos da natureza humana e os desejos que movem as personagens ao longo da narrativa. Apresenta a história de Berta

Helena, uma atriz que busca a solidão em um *bangaló* para se preparar para interpretar a ambígua personagem de Virginia Woolf, Orlando. No entanto, sua solidão é interrompida pelo adolescente Francisco, que desperta sua curiosidade e a conduz a um envolvimento marcado por sentimentos conflitantes que se opõem às convenções sociais.

A relação entre Berta Helena e Francisco é marcada pela diferença de idade e pelo desejo, o que a leva a oscilar entre a racionalidade e o impulso. A narrativa é fragmentada e contada sob o ponto de vista de Berta, alternando entre as memórias do passado e o encontro atual com um homem desconhecido, revelando o desenrolar do envolvimento entre Berta e Francisco. O conto também traz várias referências literárias que serão contempladas neste trabalho, dando margem a questões que influenciam a vida das personagens, revelando conflitos internos e a complexidade que os move. Tais referências serão discutidas nas seções seguintes.

3.1 ASPECTOS INTERTEXTUAIS DE A BELA ADORMECIDA EM O BELO ADORMECIDO: INVERSÃO DE PAPÉIS

Nesta seção, apresenta-se de que forma o conto *O Belo Adormecido* faz referência ao conto de fadas *A Bela Adormecida* e como os recursos intertextuais são utilizados para fazer emergirem questões sociais. Primeiro, é feita uma breve revisão do conto *A Bela Adormecida*, que passou por reescritas ao longo da história desde sua primeira versão. Em seguida, aponta-se de que forma a autora inverteu os papéis masculinos e femininos impostos pela sociedade.

O conto de fadas *A Bela Adormecida* surgiu originalmente sob nome de *Sol, Lua e Tália*, de Giambattista Basile, escrito em 1634. Nessa primeira versão, é narrada a história de Tália, a filha de um senhor influente que está destinada a morrer devido a uma farpa de linho. Quando vê uma mulher ao fiar linho com um fuso, o destino de Tália é consumado e uma farpa entra sob sua unha, colocando-a num sono profundo. Seu pai, pensando que estava morta, decide deixá-la numa poltrona de veludo no interior de seu palácio.

Após um tempo, um rei que andava pelo bosque encontra o palácio, em seguida, depara-se com Tália. Devido à sua beleza, o rei tem relações sexuais com a jovem inconsciente. Dessa forma, depois de nove meses, Tália dá à luz a dois filhos (uma menina e um menino), cujos nomes são Lua e Sol. O conto narra que Tália desperta somente quando sua filha, ao não encontrar leite, suga o dedo da mãe, removendo, por fim, a farpa. Em seguida, Tália desperta de seu sono.

Décadas depois, em 1697, Charles Perrault inspirou-se no conto e o reescreveu em sua própria versão, que intitulou *A Bela Adormecida no Bosque*. A versão de Perrault conta a história de uma princesa que vivia em um reino encantado, onde fadas madrinhas a presentearam com bênçãos como beleza, bondade e riqueza. Uma bruxa, porém, a amaldiçoa com um feitiço semelhante à previsão na história original de Basile: a princesa morreria ao espetar o dedo num fuso. As fadas convertem o feitiço de morte num sono profundo capaz de ser despertado apenas por um beijo de amor.

Ao espetar o dedo no fuso, então, a princesa adormece e, com ela, todos os que habitavam nas proximidades. Ao mesmo tempo, urzes crescem ao redor do castelo, tornando-se impossível acessá-lo. Conta-se que, cem anos depois, no entanto, um príncipe arrisca-se e consegue chegar à princesa, despertando-a, junto com todos os que estavam adormecidos. Os dois se casam, mas há um novo obstáculo quando a mãe do príncipe rejeita a união.

Em 1812, foi feita a versão mais conhecida até hoje e adaptada, também, pelo *Walt Disney Studios*, reescrita pelos irmãos Grimm. Essa versão possui uma abordagem voltada para o público infantil e termina quando o príncipe e a princesa decidem se casar.

Segundo as concepções sobre intertextualidade e o diálogo entre textos postulados por Bakhtin (1979), Kristeva (1974), Barthes (2004), Samoyault (2008), Cavalcante (2017) e outros estudos sobre o tema, a unidade textual se constitui a partir de um aglomerado de textos, criando, assim, uma tessitura, um “mosaico de citações”. Este cruzamento de textos implica diretamente no objetivo do escritor, na construção da obra, na memória e reconhecimento dos recursos intertextuais perante o leitor, na visão das personagens descritas na obra, no contexto cultural atual ou anterior. Questões que, como visto, podem ser absorvidas e ou transformadas, formando um “tecido intertextual novo”, com novas significações.

Portanto, partindo para a análise do conto, podemos perceber que o próprio nome do conto já é uma referência direta ao conto de fadas na versão de Perrault. É possível evidenciar que o título do conto *O Belo Adormecido* muito se assemelha ao título do conto de fadas *A Bela Adormecida*, modificando-se as palavras para o masculino. Jorge (2004) pretende, desde o início da obra, levar o leitor a relacionar e a acionar suas memórias sobre o conto de fadas para a interpretação do conto escrito por ela.

Além disso, percebe-se, também, com a mudança do nome para o masculino, uma inversão de papéis sociais, o que é muito comum na escrita de Jorge, como ela mesma diz: “A grande vantagem da ficção é que somos tudo em todos os seres, passamos pelos

vários aspetos da humanidade, não ficamos aprisionados dentro de uma só identidade”³. A autora valoriza, em sua escrita, a inversão de papéis preestabelecidos a homens e mulheres, alegando que são antes de mais nada “seres”. Além dessa referência explícita, é importante salientar a referência que a personagem Berta Helena faz ao conto *A Bela Adormecida*:

[...] Quero que não decores mais, esta noite. Quero que pares, quero ver-te imóvel, quero ver-te dormir” – disse ele [...]. Ver-me dormir? Por quem me tomas?” – Tomado à letra, o rapaz continuava a ser cómico. Tive de lhe dizer – “Estás enganado, meu filho, há muitos anos que recebi o beijo dos meus príncipes...” (JORGE, 2004, p. 11).⁴

Essa passagem reforça a mudança de papéis atribuídos a homens e mulheres proposta por Jorge (2004), que se distancia do tradicional conto de fadas, e, mais uma vez, aciona a memória do leitor, que é impelido a pensar no conto de fadas onde o príncipe observa a princesa dormir e ela acorda com o seu beijo. No entanto, no conto de Jorge (2004, p. 11), Berta Helena ri do menino e diz que “há muitos anos [recebeu] o beijo dos [seus] príncipes”. Portanto, percebe-se que Berta resiste a esse papel de passividade imposto socialmente à mulher, a autora privilegia-a com um certo poder, madura e consciente de si, o que a diferencia da personagem feminina dos contos de fada.

E, mais uma vez, observa-se que o leitor é levado a relacionar os dois contos, mas a autora propõe uma remissão ao conto de fadas apenas para afastar-se de uma tradição literária de outra época, onde a mulher era submissa ao homem, e propor questões atuais, a partir da ficção e de seus personagens, “dizer sem usar as palavras exatas” (JORGE, 2020, p. 175) que tanto os homens quanto as mulheres são capazes de desempenhar o mesmo papel. Segundo Jordão (2009, p. 85-86):

Implicada nesta mudança [de inversão de papéis] está a desconstrução de imagens e valores estereotipados implícitos no conto tradicional de Perrault que têm a ver com o género [...] Lídia Jorge questiona aspectos inerentes à personagem feminina do conto tradicional, como o desejo (ausente), a passividade e a posição [objetificada] e dependente do outro com o qual essa personagem se relaciona. Ao fazê-lo, ela parece [propor] não só a inversão dos papéis representados por essas mesmas personagens como também uma inversão de posições de poder a elas ligado.

³ TORRÃO, Nazaré. **Entrevista com Lídia Jorge**. Revista Língua-lugar, 2020.

⁴As citações referentes à obra *O Belo Adormecido* encontram-se numeradas de acordo com a numeração das páginas do .pdf do conto.

Ademais, o sono é uma temática que os dois contos apresentam em comum. Segundo as proposições de Bettelheim (1974) sobre o gênero textual conto de fadas, o sono significa uma aprendizagem para que o adolescente não se precipite em uma relação amorosa ou sexual da qual não se encontra preparado. Portanto, é possível observar que, tanto em *A Bela Adormecida* quanto em *O Belo Adormecido*, é simbolizado, através do sono, a iniciação sexual do adolescente, que entra em um processo de maturação. Entretanto, em *A Bela Adormecida*, refere-se à iniciação sexual feminina e em *O Belo Adormecido*, à iniciação sexual masculina, evidenciando, novamente, uma troca de papéis entre os dois contos:

Figuras masculinas e femininas aparecem nos mesmos papéis nos contos de fadas; em “A Bela Adormecida” é o príncipe que observa a moça dormindo, mas em “Cupido e Psique” e muitos contos derivados dele, é Psique quem apreende Cupido dormindo e, como o príncipe, fica maravilhada com a beleza dele. (BETTELHEIM, 1974, p. 41).

Sendo assim, no presente conto, Berta Helena estaria no papel de iniciadora, encontra-se no papel do príncipe, é ela quem observa o menino dormir e fica encantada com sua beleza e juventude: “Algumas marcas vermelhas, isoladas, na pele escura. Os olhos fechados. Sim, era um rosto belo, era um belo rosto desarmado. Um homem futuro entregue ao sono, como uma promessa de paz” (JORGE, 2004, p. 12), enquanto Francisco estaria no papel de iniciante, o que é observado. Contudo, nesse conto, ao contrário do conto de fadas, Berta Helena se recusa a iniciar o adolescente por ser muito mais velha do que ele e por saber que o adolescente não está preparado, uma vez que o menino nem ao menos consegue seduzi-la por si só, reproduzindo uma frase que escutará de outrem para tentar seduzi-la: “Mas sabem que gosto de vulvas e de mamas. Isso, sabem...” (JORGE, 2004, p. 13)

Além disso, em *A Bela Adormecida*, a jovem dorme um período de cem anos e acorda pronta para ser iniciada e preparada para a vida adulta, já em *O Belo Adormecido*, o menino não está preparado, o tempo de maturação não foi plenamente cumprido, pois o jovem o interrompe, e em seguida é rejeitado por Berta Helena. Esses fatos somados à pressão social da *colônia* de homens e à sua incapacidade e inexperiência para lidar com a situação levam ao desenlace do conto, com a morte do rapaz – por acidente ou não – ilustrando que, assim como no conto de fadas, “o despertar do sexo antes da mente e do corpo estarem prontos para ele é muito destrutivo [para a criança]” (BETTELHEIM, 1974, p. 47). Segundo Bettelheim (1974, p. 47), não é preciso se preocupar e tentar

apressar as coisas, “no seu devido tempo, os problemas impossíveis serão solucionados, como que espontaneamente”.

Portanto, percebe-se que embora tenham temáticas equivalentes, a autora faz uso de elementos e referências explícitas, como o próprio nome do conto, o “príncipe” e a temática “sono”, do conto de fadas tradicional para abordar novas questões e inverter os papéis preestabelecidos à figura feminina e à figura masculina. Além disso, Jorge (2004) coloca em evidência as relações desiguais subjacentes no conto de fadas estabelecidas a homens e mulheres da época. E, revela, também, que nem todo final é feliz como mostram os contos de fada.

De acordo com as teorias referidas no presente trabalho sobre intertextualidade, percebe-se que foram utilizados aspectos do conto de fadas *A Bela Adormecida* como recursos intertextuais. A obra de Lídia Jorge dialoga com o conto de fadas. No entanto, esses recursos intertextuais e esse diálogo são utilizados por Lídia Jorge com o propósito de desenvolver questões pertinentes à atualidade e desvelar questões implícitas de uma época anterior. Além disso, percebe-se o importante papel da leitura e do leitor na percepção de indícios e na rememoração de questões relativas ao conto de fadas na criação de sentido na obra.

3.2. ASPECTOS INTERTEXTUAIS DE *HAMLET* EM *O BELO ADORMECIDO*: DESEJO DE “SER” E “ESTAR” DAS PERSONAGENS DE LÍDIA JORGE EM *O BELO ADORMECIDO* E A CONSTRUÇÃO DO SER

Nesta seção, evidencia-se a relação intertextual alusão, utilizada por Lídia Jorge se referindo à ressonância de *Hamlet* para salientar o desejo de “ser” das personagens e o “estar” no mundo. Primeiro, é feita uma breve descrição do enredo da peça. Em seguida, mostra-se como a autora utilizou a intertextualidade na construção do ser.

A peça teatral *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, datada entre 1599 e 1601, é uma das obras mais conhecidas do autor William Shakespeare. Na obra *Hamlet*, o jovem que deu nome ao título vê-se angustiado quando seu pai, rei da Dinamarca, vem a falecer e, em seguida, ao ver que sua mãe se casa com o tio, Cláudio. Na peça, o espírito de seu pai, então, aparece e conta que sua morte foi um assassinato, cometido pelo irmão. Com isso, Hamlet passa a se fazer de louco para investigar a situação. Sem provas contra o tio, no entanto, o jovem enfrenta suas fraquezas, ao passo que precisa lidar com questões de moralidade, vingança, relacionamento e justiça. Na primeira cena do terceiro ato, surge, no formato solilóquio, a frase “ser ou não ser, eis a questão”, que retrata os questionamentos de Hamlet sobre a vida e a natureza humana (BLOOM, 2000, p. 483).

Com alusão a *Hamlet*, de Shakespeare, “o ser ou não ser”, Berta Helena enuncia sobre Francisco: “Ser e ainda não ser, é a sua questão” (JORGE, 2004, p. 7). Berta Helena reconhece em Francisco seu desejo de ser adulto, de pertencimento e reconhecimento e de ser realizado sexualmente. Entretanto, esses desejos são interditados e não se realizam, pois Francisco ainda não está preparado para esses novos desafios da vida. Por isso, Berta Helena, sendo consideravelmente mais velha que ele, tendo consciência dos impedimentos morais, sociais e judiciais e vendo que o menino ainda não está pronto para tamanho passo, decide não abrir a porta de seu *bangaló*:

Mas não podia ceder. Estava decidido. Bastava que viesse e não entrasse, para guardar para o futuro a memória daquele passo decisivo. Eu preferia que ele guardasse a lembrança da minha porta fechada, os estores descidos diante de si. Preferia que soubesse que algumas portas não se lhe franqueariam no futuro, e que seria atrás dessas, precisamente, que ele iria desejar construir os paraísos perfeitos (JORGE, 2004, p. 15).

O conto ilustra, pouco a pouco, a constituição da identidade de Francisco, que transita entre a infância, a adolescência e a fase adulta. Francisco tem a curiosidade do menino e o desejo de um homem. Mas o conto também nos revela o desejo de Berta Helena em ser uma atriz de sucesso, de estar em forma para fazer o papel que tanto almeja e estar no palco vivendo essa “oportunidade rara” (JORGE, 2004, p. 18) de representar a personagem Orlando.

É possível perceber, então, que o verbo “ser”, assim como o verbo “estar”, aparecem diversas vezes ao longo do conto. Ao observar esses verbos, nota-se que há nuances de significado, em que alguns dos significados do verbo “ser” designam a essência ou caráter de alguém/algo, de forma imutável. No caso do verbo “estar”, por outro lado, há o sentido de indicação de uma condição atual ou estado de transição. Dito isso, as ocorrências desses verbos no conto não parecem ser gratuitas, uma vez que elas refletem e descrevem os desejos existenciais das personagens, bem como seus anseios, motivações e estados de espírito:

“ser única” (p. 3), “ser invisível” (p. 4), “ser um jovem lorde” (p. 6), “deixássemos de ser nós e passássemos a ser ele ou ela” (p. 8), “posso ser tudo” (p. 13), “ser fiel ao ser” (p. 13), “ser-se um homem” (p. 13), “ser promovido” (p. 15), “ser um ás em condução” (p.15) “o homem estaria redondamente enganado” (p. 2), “o rapaz deveria estar a viver” (p. 7), “o moço deveria estar a ser enviado” (p. 7), “a sua autonomia deveria estar a ser treinada” (p. 8), “deveriam estar a dizer na rua” (p. 9), “deveria estar vigilante” (p. 11), “como se fosse indiferente estar ali

ou não estar” (p. 11), “estava como deve estar” (p. 14), “estaria sóbrio?” (p. 15), “o rapaz estaria ali comigo” (p. 16).

Sendo assim, o conto *O Belo Adormecido* é caracterizado pelo desejo de “ser” e “estar” das personagens, que, de fato, as move no mundo. Este surge na expressão que faz alusão a *Hamlet*, de Shakespeare: “Ser e ainda não ser, é a sua questão” (JORGE, 2004, p. 7) proferida por Berta Helena sobre o menino Francisco. Segundo Aires (2013, p. 72) é um:

[desejo] traduzido em: desejo de ser adulto, desejo de pertencer a outra etapa da vida humana, de ser outro, de pertencer a um grupo, de definir a sua identidade sexual. No entanto, esse desejo encontra entraves, desde a oposição do outro até a própria imaturidade. Mas é também sobre o desejo mais prático e imediato de Berta Helena, desejo de ser uma grande atriz à altura do papel de Orlando e, mais profundo e existencial, de ser uma grande atriz na vida.

Percebe-se que o recurso intertextual, a alusão a *Hamlet*, foi utilizado para expressar os desejos que movem as personagens no conto, Lúcia Jorge dialoga com essa obra e traz dela um questionamento existencial, próprio do sujeito, de “desejos” da vida humana. O desejo de Berta Helena em ser uma atriz, mas, principalmente, o desejo que move Francisco em se afirmar como um adulto e pertencer ao grupo em que está inserido. Esse recurso foi utilizado para trazer à luz a questão da construção do ser como um sujeito que deseja se colocar como um homem no mundo, mas que ainda é uma criança e não está preparado para as demandas da vida. E, também, os anseios pessoais.

Segundo os preceitos sobre intertextualidade utilizados no presente trabalho, observa-se que a relação intertextual, alusão a *Hamlet*, utilizada por Lúcia Jorge para configurar as questões de construção do ser no conto *O Belo Adormecido*, se constroem a partir do fragmento pronunciado por Berta Helena que ecoa em todo o conto por meio do uso dos verbos “ser” e “estar” e dos desejos das personagens. Ademais, constata-se, também, o importante papel de uma leitura atenta, bem como o papel do leitor que é levado a acionar sua memória para captar os indícios da obra de Shakespeare, no conto de Jorge.

3.3 ASPECTOS INTERTEXTUAIS DE ORLANDO EM O BELO ADORMECIDO: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE, SEXUALIDADE & ANDROGINIA

Nesta seção, ilustra-se a relação intertextual referência e mostra-se como Lúcia Jorge utilizou esse elemento na concepção da identidade. Discute-se, também, como a

autora aborda os temas sexualidade e androginia, em diálogo direto com a obra de Virginia Woolf.

O filme *Orlando* (1992), dirigido por Sally Potter e baseado no livro de Virgínia Woolf, aborda a vida de Orlando, um homem que, após 400 anos, retorna sob a forma de uma mulher, questionando as barreiras culturais da época. Orlando, como mulher, entra em uma descoberta sobre a vida, encontrando seu verdadeiro eu por meio da liberdade sexual.

Em *O Belo Adormecido*, há uma referência explícita ao romance *Orlando*. É possível observar que, como nos demais contos, em *Orlando*, a personagem principal adormece e também passa por um período de maturação. No entanto, ao acordar, essa personagem se transveste em outro sexo, o feminino. Assim, a personagem, que na obra de Virginia Woolf transita entre os gêneros feminino e masculino, também corresponde à constituição de uma “figura fora da vida”, “[um ser] sem sexo nenhum, nem de mulher nem de homem. Um anjo” (JORGE, 2004, p. 16). Ou seja, um ser andrógino. Segundo Jordão (2009, p. 86), a escolha da personagem Orlando para fazer parte da obra de Lídia Jorge, estabelecendo, assim, uma relação intertextual, não é gratuita:

[...] Ao fazê-lo, a autora não só estabelece uma ligação com um dos romances mais importantes do [cânon] da literatura ocidental europeia e, em particular, feminista, como o usa para problematizar mais uma vez o conceito de [subjetividade] e aspectos que a ele estão ligados, como o de gênero. Paradigma por excelência do sujeito enquanto processo e entidade em transformação que transgride todo o tipo de fronteiras (temporal, espacial, sexual) [...]

Lídia Jorge, ao referenciar *Orlando*, leva o conto a uma questão que vai muito além de sexo e de gênero masculino ou feminino; induz a construção de um ser, seja ele homem, mulher ou andrógino. Uma construção identitária ligada à configuração identitária do próprio sujeito. Ela propõe, a partir da obra de Virginia Woolf, e desse diálogo entre as obras, alcançar todo o gênero humano, o que transcende particularidades relativas aos sexos feminino e masculino. À vista disso, como mencionado anteriormente, é por isso também que a inversão de papéis entre os gêneros feminino e masculino é posta em evidência neste conto, pois não existe algo que se refira apenas à mulher ou que se encontre somente no homem. Ambos são detentores dos mesmos recursos.

Portanto, constata-se que, em sua escrita, Jorge (2004) utiliza a obra *Orlando* como um recurso intertextual para fazer aflorarem questões tratadas na obra, bem como expor novas questões como, por exemplo, mostrar, também, que a escrita é andrógina.

Assim como trazer à luz que não existem papéis de mulheres e homens, uma vez que todos são seres humanos e constituídos das mesmas habilidades. Em uma entrevista⁵, Jorge (2020) esclarece a respeito de, na escrita, se poder transitar pelos gêneros e fala sobre a obra de Virginia Woolf:

[...] No estrito plano da escrita, eu considero que se trata de uma realidade de natureza andrógina. Aliás, cada vez mais [penso] assim [...] Eu dizia sempre que felizmente só tinha um corpo, e era de mulher, mas o meu espírito era feito de muitos espíritos [...] Um dos meus livros preferidos é Orlando, de Virginia Woolf, em que o personagem começa como homem, atravessa uns séculos como homem, mas há um dia em que cai do cavalo, levanta-se e é uma mulher. Transformou-se numa mulher. E, portanto, tem as duas experiências, a do masculino e do feminino, e pode denunciar de um lado e do outro o que são os tabus e as ideias feitas. Porque digo que a escrita é eminentemente [andrógina]? Porque a invenção permite que sejamos homens, mulheres, seres mais ou menos sexuais ou assexuais.

Ademais, ao utilizar a personagem Orlando como um recurso intertextual em sua narrativa, Lídia Jorge “[remete] explicitamente à literatura anterior e ao mesmo tempo [atesta] a presença de um personagem que existe, provido de atributos conhecidos e [impõe] um sistema de referência autônomo” (SAMOYAULT, 2008, p. 99), viabilizando uma configuração textual nova dotada de significados antigos e novos, participando conjuntamente na criação de significado da obra alvo.

Sendo assim, a autora explora questões referentes à construção/formação de uma identidade, e questões de gênero que transcendem o sexo. A autora traz um questionamento do ser humano enquanto sujeito em transformação, como parte de um processo existencial. De acordo com Jordão (2009, p. 86), Lídia Jorge transpõe para a obra presente (*O Belo Adormecido*)

o passado ficcional do romance de Virginia Woolf, transformando esta *mise en abyme*⁶ no palco onde protagonistas de tempos e mundos ficcionais diferentes se entrecruzam numa similar procura e questionação da [subjetividade].

Ao mesmo tempo que a autora faz referência à personagem Orlando no conto, um ser andrógino e assexual, encontra-se, contrariamente, Francisco, um ser em construção de sua própria identidade e em busca de seu reconhecimento na *colônia* de homens para firmar sua orientação heterossexual. Justamente por isso, Francisco faz referência ao papel de Berta Helena na representação da personagem Orlando como: “Esse papel não

⁵ TORRÃO, Nazaré. **Entrevista com Lídia Jorge**. Revista Língua-lugar, 2020.

⁶ Narrativas que contêm outras narrativas dentro de si.

presta, não existe ninguém neste mundo que possa ser ao mesmo tempo homem e mulher” (JORGE, 2004, p. 10).

O jovem rapaz não acredita que na vida real possa existir uma pessoa que seja simultaneamente homem e mulher. Ele está em busca de afirmar sua identidade sexual e comprovar sua orientação heterossexual: “Mas sabem que gosto de vulvas e de mamas. Isso, sabem...” (JORGE, 2004, p. 13), mas o rapaz, que usou a frase de outrem para tentar seduzir Berta Helena, não está maduro o bastante, o tempo de preparação para que ele se identifique com ele próprio e tenha plena consciência do seu desejo e maturidade ainda não chegou. Entretanto, Francisco sabe o que move o seu desejo e tem definido o que ele representa e quer o devido reconhecimento.

Portanto, percebe-se que a autora utiliza elementos e referências explícitas à *Orlando*, de Virginia Woolf, para abordar questões de afirmação de sexualidade e androginia. Lídia Jorge traz a obra *Orlando* com o objetivo de justapor as questões da obra passada com a obra presente e, dessa forma, discutir questões vitais, questionar a imposição de papéis sociais e a formação da identidade.

Nota-se a junção de questões expressas na trama do romance de Virginia às questões dispostas na narrativa de Jorge (2004). Consequentemente, a autora abarca, também, em sua obra, a possibilidade de uma escrita andrógina e faz uma crítica implícita à escrita como uma prática realizada especificamente por homens ou mulheres. Sendo assim, em consonância com as teorias sobre intertextualidade, percebe-se que foram estabelecidas relações intertextuais: remissões a personagem Orlando como papel de Berta Helena para trazer à tona questões da narrativa e sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que Lídia Jorge utiliza as relações intertextuais como um aparato de diálogo com as obras mencionadas. Seja para afastar-se do cânone, dialogar com a obra, se entrelaçar, ou incorporar, transpondo discursos/personagens passados no presente, cruzando mundos e tempos ficcionais distintos, cruzando as narrativas e criando, assim, uma obra particular e dotada de novos sentidos e significados.

Constatou-se, aqui, que Jorge (2004) utiliza a intertextualidade (1) com o conto de fadas *A Bela Adormecida* para distanciar-se do clássico e mostrar, a partir da literatura, questões ocultas de uma outra época, mas que ainda estão presentes na sociedade contemporânea; (2) para dialogar com *Hamlet* e propor um questionamento do que move as personagens no mundo, seus desejos e anseios e (3) com a obra *Orlando*, para articular

questões, de suma importância, propostas na obra precedente com novas questões propostas pela autora.

Dessa forma, no presente trabalho, buscou-se analisar a intertextualidade ou o diálogo entre textos utilizados por Lídia Jorge na construção do conto que serviram de precedente para questões mais profundas ilustradas nele, tais como: inversões de papéis, o desejo de “ser” e “estar” das personagens e a construção do ser, o processo de construção de uma identidade, a sexualidade e a androginia.

Portanto, percebe-se que Lídia Jorge traz semelhanças e dessemelhanças em relação às obras analisadas para seu conto. Escreve uma nova versão para o tradicional conto de fadas *A Bela Adormecida*, ressignifica as personagens, seus desejos e anseios e inclui fragmentos de *Hamlet* e *Orlando*. Como principal transformação, evidenciou-se a mudança de papéis atribuídos ao homem e à mulher. Em seguida, a estruturação de uma identidade própria do sujeito que vai se construindo e se moldando e, por fim, observou-se um questionamento tênue entre gênero, sexualidade e androginia e a ausência de papéis preestabelecidos. Logo, o conto *O Belo Adormecido* abarca questionamentos referentes ao gênero e à sexualidade, ao ser e ao não ser, às configurações identitárias e a todo um discurso constituído na sociedade contemporânea.

Sendo assim, o presente trabalho buscou (1) conceituar e descrever a intertextualidade a partir de diversos autores e evidenciar como esse mecanismo literário pode abarcar, a partir de obras anteriores, temas e questões atuais; (2) compreender os diálogos intertextuais utilizados no conto; (3) visualizar e compreender questões sociais mais profundas a partir da intertextualidade, portanto, percebendo que a literatura pode servir como um meio de reflexão e crítica de questões da atualidade; (4) ampliar, a partir deste estudo, o diálogo acadêmico sobre os assuntos relacionados à intertextualidade dentro de obras da Lídia Jorge e orientar para novas interpretações, perspectivas e direções, enriquecendo os campos de estudo já existentes sobre intertextualidade nas obras da autora e, por fim, (5) compreender mais profundamente o conto *O Belo Adormecido* e suas nuances.

Embora a pesquisa tenha conseguido responder às questões propostas, esta foi limitada no sentido que se analisou unicamente um *corpus*, *O Belo Adormecido*. Portanto, só se pode analisar os mecanismos intertextuais dentro desse *corpus* e não se teve tempo hábil para estender as discussões e análises aqui propostas e nem discutir outras questões pertinentes à temática.

Importante acrescentar e enfatizar que as interpretações sobre os textos literários e teóricos aqui presentes são subjetivas e em nenhum momento pretendem servir como chaves de leitura absolutas e únicas, afinal, um texto pode abranger inúmeras interpretações. Ademais, não necessariamente as interpretações e conclusões findas aqui podem ser utilizadas para generalizar a escrita de Jorge, muito menos, pretendem ser uma chave de leitura para todas as obras da autora.

REFERÊNCIAS

AIRES, T. **Ser e ainda não ser: oscilação e iniciação em o belo adormecido antecedido de a arte do conto de Lúcia Jorge**. Campina Grande: EDUEPB, 2013

ARAÚJO, Renata Lopes. **Breve discussão sobre a intertextualidade**. Belém: Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 1975.

_____. **Os gêneros do discurso**. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 277-326.

BARTHES, Roland. **A Morte do Autor**. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BASILE, Giambattista. **IL Pentamerone ovvero Lo cunto de li cunti trattenimento de Piccerille**. Napoli: Il mattino, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BOURGUIGNON, Simone Valim Cândido; SANTOS, Valci Vieira dos. **Transgressão e contemporaneidade em contos de Lúcia Jorge**. Vitória: Contexto, 2022.

BRANDÃO, Maria da Conceição da Silva. **Entre o silêncio e a fulguração da palavra em Lúcia Jorge: Sacrifício, Liberdade e Construção da Memória**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2021.

CARDIGOS, I. **Em busca do belo adormecido no mundo dos contos tradicionais**. Povos e Culturas, n. 11, p. 11-31, 1 jan. 2007.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017.

FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. **Possíveis linhas de leitura para "O Belo Adormecido", de Lúcia Jorge** (JORGE, Lúcia. **O Belo Adormecido**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

GAIO, Delvina de Lourdes Mozzer. **No Caldeirão de Histórias, Teias e Tramas Textuais: Análise Fílmica e Contos de Fadas**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

GRIMM, Jacob Wilhelm. **A Bela Adormecida**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

JORDÃO, P. **O cruzamento do desejo e da memória em 'O Belo Adormecido' e 'Assobio na Noite' de Lúcia Jorge**. Bulletin of Hispanic Studies, 2009.

JORGE, Lúcia. **O Belo Adormecido**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEONARDELI, Poliana Bernabé; FLEISHMANN, Fransueiny Pereira. **A Escrita Transgressora de Lúcia Jorge em "Branca de Neve" e "O Belo Adormecido"**. Rio de Janeiro: Revista Philologus. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2022.

MATTOS, Audrey Castañón. **A História de um Silêncio: A Insurgência da Voz Feminina em A Manta do Soldado, de Lúcia Jorge**. Ribeirão Preto: Travessias Interativas, 2015.

MEDEIROS, Paulo de. **Memória infinita**. In: **Portuguese literary & cultural studies 2: Lúcia Jorge in other words**, Spring, 1999.

PERRAULT, Charles. **A Bela Adormecida**.

POTTER, Sally. **Orlando**. Produção de Christopher Sheppard. Reino Unido: Adventure Pictures, 1992. 1 DVD (94 min).

RFI. **Lúcia Jorge e “a arte mais difícil de todas”**. RFI Portugal. 2019. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/pt/angola/20190203-lidia-jorge-e-o-sobressalto-da-literatura>>. Acesso em: 27 de jun. de 2023.

ROCHA, Maria Lara Alves; SILMA, Alyne Isabele Duarte da. **Do desejo à mentira: as transgressões do sentimento amoroso de Berta Helena em "O Belo Adormecido"**. In: **Representações Culturais Literárias nas Literaturas de Língua Portuguesa: Identidades, Transgressões e Resistências**. Mossoró, RN: Podes Editora, 2022.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. In: **Hamlet e Macbeth**. Tradução de Anna Amélia Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

SILVA, Fred Lima da. **Entre Quatro Paredes: A Cena Erótica na Contística de Clarice Lispector e Lúcia Jorge**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.

SOARES, Andreia Azevedo. **A manta intertextual de O Vale da Paixão: Herança, transformação e identidade**. Universidade do Porto, 2002.

SOUZA Santos, J. E.; NOBRE, K. C. **Intertextualidades explícitas e intertextualidades implícitas**. Signótica, 2019.

TORRÃO, Nazaré. **Entrevista com Lúcia Jorge**. Revista Língua-lugar, 2020.

TRILHO, Maria. **O Feminino na Obra Narrativa de Lídia Jorge**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2016.

VASCONCELOS, Viviane. **O Discurso Interrompido e a Perversa Destruição dos Corpos: Uma Breve Análise de Dois Contos de Lídia Jorge**. Niterói: Revista do NEPA/UFF, 2017.

ANEXO

O BELO ADORMECIDO

Aquilo que vi em primeiro lugar não foi propriamente o homem, mas o seu malote, um prisma de cabedal impecável com seu fecho de metal dourado e sua asa espessa, abandonado no chão, e um saco porta-fatos do mesmo material estendido sobre uma cadeira. Só depois compreenderia que a pessoa que se encontrava de costas, sentada no meio desses pertences de luxo, era o grandalhão. Isto significava que eu estava chegando ao hotel com uma hora de avanço, e que ele ainda havia chegado primeiro, o que não deixava de ser embaraçoso. Comecei então a consultar o relógio e a agenda, pensando que o rumor que fazia atrás de si fosse suficiente para que se virasse e me visse, e ato contínuo se iniciasse ali o encontro. Mas tal não aconteceu. Percebi também que a sua cabeça, pousada no rebordo do sofá, descaía para o lado direito, e alguma coisa mais do que propriamente a postura do corpo imóvel me dizia que o homem estava dormindo. Talvez fosse a intensa cor das orelhas. À luz clara que se derramava pelo interior do foyer, os seus lóbulos não só estavam sanguíneos como pareciam ter adquirido naquele lugar umas proporções desmedidas. Era possível que esse pormenor da sua fisionomia me tivesse escapado de todo, uma vez que eu sempre o vira com chapéu, e no momento em que tal não acontecera e havíamos trocado palavras, a emoção dominava-nos por completo, ninguém tinha visto ninguém.

E contudo eu havia fixado outros pormenores. Podia até jurar que se desse a volta ao Salão e me colocasse na sua frente, iria encontrar um rosto ruborizado, a bochecha um tanto flácida amparada pela mão, um bigode estreito como um traço a tinta-da-china contornando a comissura do lábio, um pouco tombado para o lado pela inclinação da cabeça. Mas a ciência sobre o seu rosto não me provinha apenas do momento de exceção durante o qual nos havíamos cruzado, provinha antes dos quinze dias de proximidade forçada em que fôramos obrigados a partilhar os mesmos espaços. Assim, eu tinha a certeza de que o homem corpulento que dormia, ou pelo menos dormitava, de costas para a porta da Recepção, apresentava os olhos cansados, as pálpebras glabras inchadas, e o cabelo, já um pouco grisalho nas têmporas, suficientemente desalinhado, por efeito da viagem rápida. E no entanto, não seria eu quem o iria acordar.

Para dizer a verdade, nem sequer lhe conhecia o nome ou ouvira o seu apelido. O homem havia tido o cuidado de jamais se identificar, jamais referir o local a partir do qual telefonava. As indicações que vagamente me havia dado sobre as horas do voo que condicionariam o nosso encontro, tanto poderiam indicar que o faria a partir de Bruxelas como de Estrasburgo ou Berlim. Sabia apenas que era mais ou menos por ali, a partir dessa parte metrificada da Terra, que ele voaria. De resto, eu só tinha podido concluir que o homem iria viajar de propósito, que o avião faria escala em Londres, e que lhe convinha que nos encontrássemos naquele preciso hotel, tendo demonstrado uma extraordinária urgência por que tudo acontecesse com a maior brevidade possível. Como se à medida que o outono se aproximava, alguém ficasse em perigo de morrer, ou se corresse o risco de algum sinal importante para sempre se apagar. Como se alguma coisa ainda pudesse ser arrancada à areia, ou uma parte do que fora perdido pudesse ser recuperada. Eu própria fora contaminada por essa ideia de alguma coisa ainda remediável, e a prova é que tinha almoçado à pressa no snack-bar do Teatro ouvindo o meu colega Martim esbracejar contra os poderes públicos, e sentindo-me incapaz de compatibilizar a expressão dramática dos seus descontentamentos com a expectativa da entrevista marcada, havia começado a subir a Avenida da Liberdade demasiado cedo, pensando poder mergulhar por antecipação na matéria do encontro. E agora, por ironia, ali estava eu no meio do Salão do Ritz, com o meu interlocutor dormindo.

Felizmente que a partir do Bar era possível vigiar-lhe o sono, seguir-lhe os movimentos, quando se levantasse. Não o nego, o teor daquilo que iria ser a nossa conversa inquietava-me.

Pois o que iria o homem corpulento querer saber através da minha pessoa? O que iria perguntar? Teria uma proposta para me fazer? Ou pelo contrário, queria ele revelar um segredo, proceder a uma explicação, ou contar simplesmente algum episódio relacionado com o acontecimento na praia? A verificar-se esta segunda hipótese, tudo seria bem simples. O homem abriria os olhos, viria na minha direção, tomaria alento e eu ouviria da sua boca uma confissão proferida em surdina. Situação banal. Nesse caso, o grandalhão traria consigo um drama e entorná-lo-ia simplesmente diante do meu regaço, após o que partiria aliviado, deixando o seu pote de fezes depositado entre os cristais do salão e os mármore da entrada. Depois iria retomar o avião em direção a uma cidade incógnita, com passagem obrigatória por Heathrow, e o encontro teria terminado. Poderia ser. Mas se por acaso fosse o contrário, e aquele homem pretendesse sobretudo arrancar da minha pessoa algumas informações, então voltaríamos ao início da questão – O que

poderia eu contar-lhe? Saberla eu de algum detalhe que lhe fosse útil? Poderia eu esclarecer alguma dúvida que tivesse sobejado daquele processo? Para que serviria o meu testemunho?

Pelo meu lado, tinha sido tão colateral a minha participação, tão fortuita, e ao mesmo tempo tão previsível, que por certo o homem grande haveria de se arrepender de ter estragado um dos seus dias úteis com uma viagem de ida e volta para nada. Era bem possível que ele estivesse a imaginar o contrário. Ao longo daqueles seis meses, poderia ter suposto que não era por acaso que eu me encontrava dentro do bangaló, poderia ter imaginado uma conjura, poderia ter fantasiado que eu lá tivesse sido introduzida como espia. Ou de forma mais imaterial, que eu tivesse sido enviada por uma força misteriosa para criar o mal, ou fosse eu mesma a incarnação do próprio Mal. Nunca se sabe o que uma outra pessoa pensa. Mas se acaso assim fosse, o homem estaria redondamente enganado. Encontrava-me naquele lugar, pela razão simples de que na altura um bangaló isolado, com uma praia em frente, tinha-me parecido o sítio ideal para aplicar o programa de recuperação selvagem que me havia imposto.

Melhor dizendo, encontrava-me naquele lugar, por motivos de ordem pessoal, motivos íntimos e profissionais, unidos num só objetivo e tendo em vista uma única finalidade. Muito em concreto, eu estava perante o desafio de ter de perder dez quilos no corpo, cinco papos no rosto, vinte anos de idade, ganhar mais brilho na pele, menos volume no pescoço, e outras modificações indizíveis, tudo isso numa vez só, em pouco mais de dois meses. Acontece na vida dos atores, mesmo aqueles cuja intimidade não se torna matéria universal da intriga dos magazines. Acontece. Tudo isso porque me tinham proposto e eu havia aceitado desempenhar o papel do único personagem colhido da Literatura, que vive durante vários séculos, que a meio do percurso muda de sexo, modos, trejeitos e fatos, meios de transportes e palácios, e procede a todas essas mudanças através de um striptease mental mirabolante, praticado diante dos olhos de toda a gente. Isto é, eu iria ser Orlando, ele mesmo. Para tanto, eu precisava duma cintura flexível, umas pernas escanzeladas, os braços soltos das espáduas, a fim de poder fazer passos de dança e voar no palco. Exigências que nada tinham de anormal.

Sucedera simplesmente que a Isabelle Huppert havia passado por Lisboa a desempenhar essa figura lendária de homem mulher, no meio de luzes azuis e de portas frias, o espectáculo havia sido um sucesso, e por puro decalque e imitatio, tinham-me proposto interpretá-lo no rasto da sua peugada. Apesar de tudo, uma oportunidade rara. Consta que em matéria de atrizes nacionais o encenador tinha olhado à volta e

havia encontrado o deserto. Depois havia examinado uns retratos e havia vislumbrado na minha figura a única possibilidade de concretizar o seu sonho. A única exequível. Claro que não era verdade. Se eu tivesse recusado, a produção disporia pelo menos de mais quatro ou cinco. De entre elas, aquela que aceitasse seria a única. A única possibilidade depois de Tilda Swinton no écran, e de Isabelle Huppert no palco. Ser-se único, como se sabe, é estatuto que dá a volta à cabeça de qualquer um. O facto de uma outra passar a ser a única, em vez de nós mesmas, significa começarmos a desaparecer devagarinho, ainda que não se queira. Olhei-me ao espelho, aceitei. Ato imediato, passei a mão pelo meu corpo, e achei que não havia tempo a perder. No dia seguinte comecei a telefonar para várias organizações de transporte e viagem, aquelas que detêm ao fundo das linhas todo o género de paraísos perfeitos, e alguns desses operadores da felicidade alheia consultaram os cardápios, e logo nessa noite as coisas aconteceram. Encontrava-me eu no camarim, a cinco minutos de me acercar do palco, quando me vieram depositar no colo um molho de propaganda. Na capa de um desses prospectos havia uma fotografia de sonho, daquelas que estão pedindo uma moldura de acrílico para se pôr no lavabo da entrada. A fotografia reproduzia uma casinha térrea envolta em seu madeirame, totalmente isolada, e uma palmeira ao lado inclinava-se-lhe por cima, em forma de vírgula. Obtive também a informação grata de que o local estava deserto, que um guarda vigiaria a zona, e de resto a estação era tão baixa que para aquelas datas não havia qualquer outra reserva feita. Isso significava que eu poderia agarrar os benefícios da Natureza todos só para mim, recolhê-los, convertê-los a favor da minha renascença e tudo isso poderia acontecer na Falésia Roca, um belo pedaço de costa com o Oceano a bater em frente. Uma promessa de isolamento completo, um amparo total. E de facto, quinze dias volvidos, à saída do avião, esperava-me uma viatura de trinta lugares para conduzir a minha solitária pessoa através duma estrada estreita, serpenteando por entre pinheiros mansos.

Isso eu poderia explicar ao homem que descansava no Salão do Ritz, se acaso duvidasse da coincidência.

Sim, cheguei numa tarde de março, imaginando que tinha pela frente um pedaço da Terra transformada em clínica, mas a pessoa quase muda que me indicou o caminho através do sol-posto, trazia consigo a chave, rodou-a na fechadura e eu pude verificar que o bangaló que me fora destinado não era uma casa isolada com uma palmeira em forma de vírgula a cair-lhe por cima. Era uma porta e uma janela, no meio de um renque de dez portas e dez janelas unidas, e esse renque ficava entre outras duas fileiras idênticas, como

se um vento monumental tivesse depositado ali três carruagens sucessivas de casinhas indivisíveis. Uma série industrial. Uma construção de nada. Lá dentro, a mão estendida tocava o teto. Por respeito aos nórdicos que ali pudessem pernoitar, deveria haver em cada uma daquelas minúsculas moradias, um azulejo que dissesse Cuidado com as Telhas, como nas vivendas guardadas se encontra à entrada Cuidado com o Cão. No exterior, ao nível do solo, onde eu suporia que houvesse areia, havia relva, dois guardanapos dela, um à frente, outro atrás, e uns poitos de cimento para guarda-sóis, dispersos aqui e além. A realidade começava a inspirar-me raciocínios cínicos. Seria que a cada ocupante de uma daquelas moradias assistia o direito de desfrutar de um quarto de relva, um quarto de sombra, um quarto de poito?

Uma pessoa sabe, no entanto, que não se pode deixar envolver pela violência das suas próprias palavras. Afinal lá fora existia uma falésia verdadeira, um pinhal de árvores com copa e raiz, e uma longa praia de areia a unir dois pontos cardeais. O teatro ensina que seremos feitos para oscilar entre o grande e o exíguo, como se tivéssemos dois corpos. Um deles que se encobre e disfarça, se curva sobre si mesmo até se aninhar entre um robe e uma lareira, e um outro, aquele que nem com o rasto dos Planetas se contenta. Lá fora existia o simulacro disso mesmo, a lonjura criada pela mistura da luz e da água, de propósito para agradar ao ser grande, e ali dentro, o telhado caindo rente aos móveis, concebido expressamente para o ser pequeno. Perfeito. Foi assim que durante essa primeira noite, dormi doze horas de um silêncio mortal.

Mas como deve acontecer na morte, no meio do silêncio, havia uns pássaros que chilreavam e o som contíguo do mar. No dia anterior, perante o meu descontentamento, a pessoa muda havia continuado a garantir que eu era a única ocupante daquele espaço. Que poderia viver por ali inteiramente à vontade, que ninguém me veria, eu não veria ninguém. A época não era baixa, era baixíssima, o guarda rondava longe, a refeição quente ser-me-ia deixada no portal. Perfeito, perfeito. Eu tinha-lhe colocado no fundo da algibeira o correspondente a cinco euros por ter pronunciado tantas palavras de seguida e ainda me ter olhado, e ter-me dito – “Conheço-a, já a vi em qualquer parte...” E logo de seguida, a mulher abalara contente.

Devo dizer que sobre a mesa, nesse momento, já se encontrava o saco repleto de embalagens contendo os tónicos, os estimulantes, os circulatórios e os expurgatórios, extratos de jardins completos, vários pomares rescendentes, toda uma floresta inteira, produtos mágicos captados em forma de pílulas, e tudo para o meu bem. A bem do meu corpo em transformação. Na parede, iria pendurar o calendário com o programa tirano

que me havia imposto. As fotografias da Huppert e da Tilda Swinton, essas não estavam à vista, mas existiam dispostas na minha cabeça como metas duma assombração fatal. Eu sei que a luta por objetivos inalcançáveis tem tanto de heroico como de burlesco, mas o próprio teatro ensina que lutar desse modo indecoroso, por vezes, é a única forma de se alcançar o melhor de nós mesmos. Claro que não era a primeira vez que eu acordava a desoras, numa profissão que por natureza inverte os dias e as noites. Mesmo assim, nesse primeiro dia, pratiquei ginástica, corrida, transpiração, duche, relaxe. No final, retirei a roupa do corpo e expus-me ao sol da tarde de março, sem nada por cima. Quando caiu a noite, entreguei-me de novo ao sono reparador. Porém, pode acontecer que durante os sonos mortais não se ouça apenas o som dos pássaros, mas também a batida de porta de carros. Paf, paf, no meio do sono mortal. Segundo dia, segundo acordar. Era uma hora da tarde. Abri a janela. Mesmo em frente, alongadas sobre o passeio que separava os dois renques de relva, quatro viaturas estavam estacionadas.

Como era possível? – Carros, objetos de metal, meios de transporte concretos, palpáveis, tinham-se introduzido na minha morada? O meu sonho de isolamento terapêutico havia terminado.

Levantei o telefone, liguei à recepção, um local invisível que deveria ter sede no interior do pinhal. Quando me atenderam, tive de me sentar na beira da cama para não cair, cheia de ódio e de raiva. Sobre o alvoroço desse dia, não terei problemas em dizer que Berta Helena é uma mulher de amores e de ódios, de penas e de raivas, sentimentos extremos, cinza e brasas misturadas, e que ela mesma sou eu. Então gritei ao telefone, tão alto quanto pude, que naquele preciso momento me encontrava diante duma coisa imunda, uma situação inaceitável. Pois quatro carros estavam parados em cima da minha relva, com os para-choques apontados diretamente para a minha cara, alinhados como se fossem invadir-me em conjunto. Disse também que não era verdade que eu quisesse ficar com a estância toda só para mim, como estavam a sugerir do lado de lá, mas existindo vinte e nove bangalós vagos, não aceitava que viessem alojar um monte de pessoas em frente da minha porta, face ao compromisso que haviam estabelecido comigo. Por fim, gritei – “Faltaram à vossa palavra, quero mudar, agora e já...”

Mas era março, não podia mudar.

Quem falava do lado de lá dizia que era imutável, como se a reserva tivesse sido feita por divindades ao serviço dos Fados. Só depois de muita insistência me deram a devida explicação. Das trinta habitações, vinte e duas careciam de obras amplas e três de reparação urgente. Nessa contabilidade deficitária, apenas haviam sobejado cinco

habitações disponíveis. Cinco. A minha reserva havia sido feita já depois do compromisso tomado com as pessoas chegadas pela manhã. Que desculpasse se não havia sido corretamente informada. Que desculpasse. E a pessoa que assim falava iria comunicar a alguém, por certo rente aos Fados, para que houvesse uma atenção particular em matéria de contas finais. Uma sucessão de mentiras, uma cadeia de falsidades. Sentia-me revoltada. Mas o teatro ensina o que não ensina a vida. Quando uma pessoa no teatro é assaltada por uma pequena contrariedade, sabe que antes de agir deve pensar com vantagem no estado do seu país. Se a contrariedade é de dimensão média, deve considerar o penoso percurso da Humanidade. Se vem ao nosso encontro alguma coisa que se assemelhe a uma catástrofe, então faz bem pensar na poeira das Estrelas. Naquela situação, pensar no estado da nação, chegava-me. Desliguei o telefone, respirei fundo, massajei o occipital. Estava decidida – Pegaria nos meus haveres e iria viver para as traseiras do meu bangaló. Eu mesma empurraria a cadeira de plástico, levaria a cama de rede, o guarda-sol em seu poito, faria aí a minha vida inteira. Afinal o que eu pretendia era apenas perder dez quilos no corpo, cinco papos no rosto, descontar vinte anos na alma e memorizar quarenta páginas de réplicas solitárias que eu havia agarrado com ambas as mãos, para continuar a ser única.

Além disso, ao longo de vinte e cinco anos de entrega total ao teatro, acaso o meu maior treino não havia consistido precisamente em transformar pessoas em coisas invisíveis, ou quando muito em sombras vagas, que deveriam permanecer imóveis até ao momento em que eu mesma me decidia despertá-las? Agir como se não estivessem lá, fazendo por que sucumbissem quando eu quisesse e só acordassem quando eu desejasse? Que só estivessem vivas, ativas e estimuladas, quando eu dissesse – Por favor, comovam-se comigo, sintam como eu respiro... Acaso um espectador não era isso mesmo? Ao longo do tempo havia-me treinado para essa refrega, de propósito para esse combate, tinha eu forrado de ardósia os lugares mais vulneráveis do coração. Treino de muitos anos. E no entanto, naquele momento, como se fosse uma caloiria na vida, ali estava eu revoltada, apenas por se encontrarem quatro viaturas de traseiras apontadas na direção duma casota que me fora alugada por uns quantos dias. Grande exagero. Ainda por cima, até àquele momento, nem dera por sombra de gente. De noite, não tinha havido o menor ruído. Dentro do sono da manhã, só aquelas batidas de portas, demasiado nítidas, demasiado próximas, como costuma acontecer no meio dos sonos mortais. Mas no dia seguinte foi diferente – Abri a janela e pude verificar que os bangalós fronteiriços estavam ocupados por uma colónia de homens.

Sob o efeito dessa surpresa, naturalmente que eu não iria falar ao viajante em trânsito, quando o nosso encontro tivesse início. Tratava-se duma colónia de homens. Ponto final.

Pois aquela era a Falésia Roca, aquele era o Oceano Atlântico, manso como um cordeiro, marés serenas, marés mortas, temperatura moderada, atmosfera luminosa, uma moldura de erva rente aos pés. Perfeito, perfeito. De facto, uma colónia de homens tinha descido junto do meu bangaló. Não poderia ser melhor, como alternativa ao silêncio. E seria uma colónia de quantos homens? – Começava a pensar.

À primeira vista, parecia ser uma colónia de seis ou sete, mas não conseguia precisar, porque nem todos se encontravam no exterior para poder contá-los. Para lá dos vidros o movimento era impreciso, e cá fora, naquela manhã, encontravam-se apenas cinco, exatamente cinco homens, parados. Dois deles estavam de costas, sentados sobre as tábuas da sebe, um outro permanecia em pé, a um canto da relva, parecendo examinar alguma coisa próxima, e dois outros mantinham-se encostados a uma das portas. O espaço era tão exíguo que não permitia perspectiva. Eu tinha a ideia de que os homens imóveis faziam parte dum museu de cera, que tivessem voado para ali para se derreterem ao sol do equinócio. Mas nesse momento, dois outros – e ao todo perfaziam sete, sete homens saíram de dentro de um daqueles bangalós, transportando uma mesa do interior para o meio dos quadradinhos de relva, e ainda não estava pousada, já um outro, o oitavo, começava a transportar cadeiras que colocava em volta. Um outro ainda, o nono, provindo da habitação contígua, apontou o braço na direção da mesa e começou a falar. Não se ouvia. Três deles voltaram para dentro, e regressaram com uma segunda mesa que uniram à primeira. Outros traziam pratos nos braços. Eram onze e meia da manhã. O grupo preparava o seu brunch ao ar livre, na atmosfera de março.

Mas era difícil explicar. Havia alguma coisa ao mesmo tempo de surpreendente e auspicioso naquela descoberta. O processo de crispação contra as presenças abstractas que havia acalentado durante o dia anterior, de súbito começava a desfazer-se, a aversão a desenrolar o seu fio, a alma a ficar sentada. Gosto de homens, pela sua dissemelhança, e essa é uma labuta infundável. Aquela colónia de homens, contudo, permitir-me-ia desfrutar da sua proximidade e ao mesmo tempo praticar com toda a justiça o meu direito a ser invisível. Considerando que éramos partes distintas, seria bom para ambas as partes. Fiz vários cálculos mentais. Eles não estavam interessados em mim, eu não estava interessada neles, enquanto eles ali estivessem e eu ali estivesse, haveria um pacto

estabelecido entre nós. Éramos de espécies diferentes e não complementares, não nos iríamos tão-pouco falar. Não precisávamos. Conhecia esse companheirismo cómodo, a partir do teatro, como tudo na minha vida. Com Martim, por exemplo, contracenávamos, chegávamos a estreitar-nos em cena, mais do que necessário, mas ainda mesmo quando nos beijávamos espontaneamente no palco, na hora do agradecimento, por entusiasmo, cumplicidade, amizade, amor até, era como se beijássemos no outro, o sal ou o papel. O meu coração não estremecia, o meu útero ficava imóvel como se fosse uma placa de esmalte, a minha alma apenas agradecia nele a parte da vida que sobeja do género, a vida do grande neutro que há na luz ou na pedra. Outro tanto sucederia com ele. E agora, para meu descanso, ali estava uma colónia de homens. Um alívio semelhante a um grande banho depois da corrida pousava-me na pele, enquanto olhava através das palhetas do estore. Pois ali estavam eles, atrás das janelas, saindo pelas portas, voltando a entrar. Nove homens, dez homens. Dez, um deles agora atravessava o cantinho de relva a coxear, e não usava canadiana, usava bengala. Agora mesmo escarafunchava na relva com a ponta da bengala. Sentavam-se, levantavam-se, tomavam o seu brunch alongado, parecendo dispor de todo o tempo da vida. Um outro, corpulento, fazia face ao sol com um chapéu de tela. Estavam de costas viradas para o meu bangaló. Eles lá, eu deste lado, era como se tivéssemos falado há muitos anos atrás e assinado um pacto. Essa descoberta fazia com que afinal eu já não precisasse de viver nas traseiras da minha habitação como havia projetado. Peguei nos meus haveres, incluindo a cadeira de plástico e a cama de rede e fui colocá-las em frente, viradas para sul, onde o sol ainda baixo me dava o dia todo na cara. Seríamos vizinhos insensíveis e inalcançáveis, eles não olhariam para mim, eu não olharia para eles, a cada um seu horizonte próprio, a cada um o seu canto perfeito sobre a Falésia Roca.

Mas por vezes eu olhava. Isso eu teria de dizer.

Olhava, não como espia, mas como alguém que não pode deixar de reparar no que se passa à sua frente, de forma inevitável. Os meus olhos ficavam lá presos porque se tratava de uma colónia de pessoas felizes, vivendo em liberdade, um espectáculo extraordinário. No dia seguinte, à mesma hora, já eu tinha a certeza de que a colónia contava para cima de dez elementos, e não pareciam ter vindo ocupar aqueles quatro bangalós para se submeterem a regimes selvagens. A forma como deambulavam permitia-me imaginar que se tratava dum encontro particular, marcado com a devida antecedência, havendo entre todos imenso que dizer, imenso que jogar e discutir.

Intelectuais por certo. Ali mesmo em frente, sentavam-se à volta da mesa improvisada a conversar. E ainda que essa não fosse a minha intenção, individualizava-os.

Como poderia evitar? A realidade entrava pelos olhos – Entre eles havia um homem de fala inglesa, alto e arruinado, um escocês por certo, que se vestia de axadrezados, sempre com um livro debaixo do braço, como se fosse um apêndice do seu colete. E havia pelo menos um belga e um italiano porque me chegava aos ouvidos, quer quisesse, quer não, a toada francesa das regiões planas e um prego, ragazzi, que sobressaía do sussurro baixo em que todos se comunicavam. Mas eu não seria capaz de atribuir a qual dos meus vizinhos forçados correspondia cada uma das vozes que de vez em quando se demarcavam das demais. E os demais eram portugueses. Era português o franzino, o que tinha o problema na perna, era português o atarracado, o que usava um casaco tirolês verde-garrafa. Era português o homem corpulento, aquele que se vestia de claro, com chapéu de aba de tela, o mais alto, aquele em torno do qual os outros se sentavam.

Ou por outras palavras, era português o passageiro que se encontrava, naquele instante, dormindo a meio do Salão do Ritz, entre um porta-fatos e um malote de cabedal. Mas não importa.

O que então me interessava não era cada um desses meus vizinhos intocáveis, era o grupo. E o grupo, meio sentado meio em pé, em volta da mesa, parecia prolongar um tempo monárquico antigo, que remontasse ao tempo das caçadas do Imperador Francisco José, alguma coisa entre o decadente e o sofisticado que me atingia profundamente. Alguma coisa do tempo vitoriano de quando havíamos feito *O Leque de Lady Windermere*, ou o tempo austríaco de Arthur Schnitzler, de quando havíamos representado *Os Jornalistas*. Um tempo qualquer de quando as mulheres ainda deixavam crescer o cabelo até às bainhas das saias, e jamais folheavam um livro inteligente, e os homens, enluvados, se matavam uns aos outros, com tiros ao amanhecer. Uma coisa do tempo dos vapores nos mares, dos planadores nos céus, uma abstracção fora da memória das décadas e das guerras mundiais. Um tempo antes do nosso tempo, mas de que a Arte, sobretudo a Arte de Representar, continua povoada, sendo sempre mais fácil conviver com a beleza dos monstros precedentes do que com as nossas próprias faces. Isso pensava eu, diante do meu bangaló, enrolada no fundo da cama de rede, com as primeiras páginas do meu papel entre as mãos. Mas para os homens da colónia, ali a quatro passos, eu não deveria passar de um pacote embrulhado numa cama de rede. Por vezes até se esqueciam por completo da minha pessoa e falavam alto, ou ouviam música sem quaisquer complexos.

Aliás, entre eles deveria haver melómanos. A prova é que logo num desses primeiros dias, quando regressava da corrida da tarde, ao sentar-me sobre a cerca, o homem da bengala berrou contra a música que saía pela janela em volume bastante elevado. Berrou mais alto do que a música – “Parem com isso, parem... Esse tipo conduz Bruckner como se estivesse no deserto e dirigisse uma cáfila...” O homem parecia indignado. Então, o de fala inglesa entrou no bangaló, mudou de gravação e na ondulação do andamento largo, eu reconheci a mão de Celibidache. A certa altura alguém gritou “Bravo!” como se ali decorresse um concerto ao vivo. O baixo, de casaco de feltro tirolês, saltou por cima da sebe, e o grande, o grandalhão de branco, o homem que ali estava no Ritz, deixou o chapéu rebolar na relva. Não soprava um bafo de vento, era como se soprasse. Como se para aquele rumor não existisse outra palavra para além de aragem e ela tivesse origem na respiração dos seres humanos. Enquanto isso, eu tinha diante dos olhos as primeiras réplicas sublinhadas. Aqueles homens eram-me indiferentes, e mesmo assim, o texto que deveria decorar era atravessado por pensamentos indevidos. Imaginava quantos sonhos, quantos artifícios, quantas mentiras teria sido necessário unir para tornar possível aquele encontro ao arpejo das agendas ocidentais. Já mesmo ao cair da noite, saíam. Haviam estacionado as viaturas na parte sul, dois Rovers iguais, ambos verde-escuro, ambos com matrícula estrangeira, e um jipe Pajero cinzento, cor de prata. Ao lado do jipe, poisava uma pequena 4L esbranquiçada, ostensivamente amolgada dum lado. Ao pé das outras viaturas o pequeno Renault produzia um contraste desmedido. Aliás, era esse o único carro que ficava estacionado quando partiam, distribuídos com alvoroço pelos vários assentos. Com as portas ainda abertas, desciam pela falésia e lá iam. Mas para além desse interesse de superfície, eram-me indiferentes, tínhamos combinado a indiferença, séculos antes de termos nascido. Então cerca da meia-noite voltavam, ouvia a sua chegada, a saída dos carros, a entrada nos bangalós, as falas, as vozes abafadas, e de novo as portas, os motores, a música e os bravos, tudo isso disperso no interior dos sonos mortais. Acordava sobressaltada.

Ainda seria noite? Já seria manhã? – Por incrível que parecesse, era meio-dia e lá fora não havia música mas havia palmas. Eu não podia deixar de espreitar. Espreitei. A alegre algazarra estabelecia-se na direção da 4L que acabava de chegar, proveniente da estrada de areia. Metade da colónia havia rodeado a viatura de onde se apeava em primeiro lugar o homem do casaco de tirolês, e em seguida, do lado do volante, desembaraçando-se da porta amolgada, um rapazinho espigado. A aclamação era feita na

direção deste último, saindo de dentro do carro sob o impacto de pequenas pancadas no cachaço.

“Com que então, com que então...” – Ouvia-se em volta.

O rapaz esquivava-se, saltava, mergulhava de novo no assento do carro, experimentava-o, saía batendo com a porta, parecendo bastante excitado.

“Bravo!”

Compreendia-se agora por que razão, ao lado de três bombas magníficas topo de gama, pousava na berma da relva aquela espécie de insulto tecnológico. Pois a 4L não só estava amolgada de um lado, como apresentava por todo ele manchas de ferrugem disseminadas ao longo da chapa. Era um carrinho miserável, certamente trazido para ali, de propósito, para treinar o rapaz. – Iriam entrar? Iriam continuar com aquele alarido de rally doméstico, os cinco, incluindo o da bengala, à espera do regresso do corredor como se estivessem a viver um Monte Carlo? – Eu descia, fazia uma longa marcha ao longo da praia ou sob os pinheiros, regressava e ainda o grupo lá estava. Lá estava o homem grande, com o peito saliente, o chapéu de tela na cabeça. Ele e os seus companheiros, encostados à sebe, aguardando o regresso do condutor júnior, a 4L ainda a soluçar, no momento em que parqueava. Contra essa imperícia, o homem manco parecia dar indicações preciosas, com movimentos de bengala.

Então pude concluir – “São doze, contando com o rapaz...”

Mas tudo isso não passava de um mero acidente, pois o que me interessava não era a colónia de homens, era o mar.

Era do mar que eu esperava a graça da renascença, a voluptuosidade da mudança, era por ele que eu me tinha instalado sobre a Falésia Roca, e isso mesmo eu iria ter de assegurar àquele homem, se ele mo perguntasse. Sim, do mar eu queria tudo o que houvesse na atmosfera e na água e pudesse ser assimilado. Os halogéneos, a que eu atribuía efeitos mágicos, eram arco-íris invisíveis que entrariam no meu corpo para nele produzirem uma assepsia completa e uma reparação total. Da água salgada, queria a riqueza que havia na babugem das algas, de onde eu imaginava desprender-se o crómio, o selénio, o iodo e até o cobre e o ouro. Fascinava-me sobretudo saber que verdadeiro ouro pudesse desprender-se das algas, ainda que em quantidades mínimas. Tudo isso e muito mais se desprendia da espécie de mucelagem que eu pisava. As fitas-do-mar, as alfaces-do-mar, a bodelha castanha em que se enrodlhavam os ténis, e que eu patinhava de propósito para que tudo isso se revolvesse, e subisse pelo meu corpo acima e se depositasse na minha face. Era nesse transe que eu vivia, e era isso que eu iria dizer à

pessoa do encontro. Dizer-lhe que não me interessava para nada a vida deles. Que não me importava que um grupo de homens distintos tivesse escolhido uma estância pouco acima do miserável para escaparem à vigilância do mundo. Eu só queria que ácidos e vitaminas fizessem em mim o trabalho devido, devolvendo-me a forma e a energia. Era isso que eu pretendia, transformar-me no centro da praia deserta, o centro das águas do mar, sozinha, com toda aquela riqueza disponível a confluir para a minha pessoa. Para tanto, cerca do meio-dia, começava a saltitar no meio da areia até transpirar, e mal sentia o corpo húmido sob a felpa do fato-de-treino, retirava as calças, prendia-as à volta dos ombros e corria em pernas nuas para que a aragem do mar entrasse nelas e as trabalhasse em prol do seu adelgaçamento. Quando finalmente me cansava, voltava a vestir-me, e então, em passo cadenciado, começava a reler as longas réplicas daquele papel compacto, deambulando para decorar.

Pois no meu caso, decorar sempre significou caminhar com um papel na mão, os olhos semicerrados, repetindo alto, até uma parte das falas ficar gravada no corpo. Decorar sempre consistira em impregnar de palavras o organismo inteiro, transformando-as numa coisa orgânica, uma coisa carnal. As plantas dos meus pés em movimento sempre serviram de máquina de impregnação das palavras. Os meus braços, as minhas mãos em movimento, unidos, sempre souberam mais do que o meu pensamento. A minha memória sempre foi alguma coisa mais ampla do que um tecido associado ao labirinto do cérebro, tendo a fixação muito mais a ver com os músculos e o seu movimento do que propriamente com um processo mental. Andar, andar para apreender, repetir, decorar junto do mar. Naquele momento preciso, a cena era aquática. A personagem que eu representava invocava a Grande Geada que se abatera sobre Inglaterra, na altura em que Orlando era moço. A tirada referia o momento em que a corte inglesa fora para Greenwich e o rio gelado pudera ser varrido com vassouras como se fosse o soalho dum palácio. Sobre o rio patinava uma princesa russa com título de Romanovitch, a linda Sacha, da qual eu, jovem ardente, me enamorava. Era o início do século dezassete britânico. Todo esse clima de farsa irreal longínqua casava-se com o brilhante sol de março caindo na água salgada. Mal lia uma linha, fixava-a. Então abandonava a praia repetindo réplicas, já no bangaló tomava a refeição enquanto lia em voz alta, e voltava à cama de rede que pendia no exterior, ainda com o olhar fixo entre o papel e o alvo. Nada mais fazia do que decorar. Aprender um papel, passar do momento penoso da repetição do início a uma espécie de vício verbal. Uma espécie de transe impregnante. Progressivo. Incontrolável. Estava eu, precisamente, a repetir palavras, embrulhada na cama de rede,

a decorar a passagem em que a personagem invocava o momento em que o Tâmis, iluminado pelos archotes, mostrava as silhuetas dos peixes congelados no interior da sua massa de água solidificada, podendo os príncipes e as princesas de todas as nações patinar por cima, e eu, que não era príncipe mas lorde, encontrava-me precisamente nesse transe de ser um jovem lorde patinador, quando me tinha apercebido de que da realidade surgia uma sombra.

Levantei os olhos e vi duas sombras.

A do rapaz júnior, que aprendia a conduzir a 4L, e o próprio rapaz. As duas sombras formavam um ângulo convexo que me retirava luz. Sorri para o rapaz. O que queria? Parecia não querer nada porque não se movia, com os olhos cravados no papel que eu tinha na mão. Se eu não soubesse que se tratava do jovem condutor, tê-lo-ia tomado por um meliante, de tal modo fixava ora as folhas ora a minha cara, mas essa impressão não durou muito tempo. Nesse instante, a voz italiana chamou pelo júnior, acrescentando a palavra que parecia ser a sua marca de água – “Rápido!” A princípio, o instruendo pareceu não prestar atenção, mas quando o brado foi repetido, atravessou a relva e desapareceu no interior de uma daquelas casotas baixas, que nos resguardavam da proximidade forçada. No dia seguinte, porém, encontrámo-nos.

Se o homem grande se mantiver de boa fé, poderá confirmar esse encontro, já que ele próprio foi participante. Ele e mais três companheiros, melhor dizendo, mais quatro. Ele sabe. Andava eu, cá e lá, traçando paralelas à rebentação das ondas de modo a que a espuma não me alcançasse, a decorar o meu papel, a entregar o meu corpo e o meu espírito à aragem do mar, quando havia reparado que eles se aproximavam. Que eu tivesse dado conta, era a primeira vez que desciam as escadas de areia até à praia. Mesmo assim, faziam-no como se fosse uma condescendência, não pareciam nem preparados nem vocacionados para passear à beira-mar. À frente, caminhava o homem corpulento na sua indumentária habitual, com aquele chapéu demasiado vistoso, demasiado desusado, um arquétipo de qualquer coisa mental obstinada. A seguir caminhavam dois homens, diferentes mas vestidos de igual, vestidos de preto e branco, camisetas cavadas por cima de calças justas como se fossem dançar, ou fossem simples ginastas que viessem fazer como eu, mover-se diante da água para receberem dela as suas benesses, e em vez de fatos-de-treino só dispusessem de fatos de acrobata. Um pouco afastado, distraído com a areia que pontapeava, caminhava o baixo, o que usava o casaco tirolês. E bastante mais atrás, trotando praia fora, vinha o rapaz.

Apanhada de surpresa, ainda ensaiei umas palavras de modo a saudá-los, mas não houve a menor ocasião de tal acontecer.

Eles passaram ao lado, como se eu não existisse, e eu deixei-os passar sem retirar os olhos do lugar vago para o qual recitava a minha réplica. Caminhavam lentamente, com as mãos atrás das costas, muito direitos, como os bailarinos nas salas de ensaio, as nuças ao alto, os pescoços esticados, o passo ritmado. Cruzámo-nos mesmo, e desse quase encontro, em que eu quase os teria cumprimentado, dessa quase tangente ocasional, eu acabaria por retirar conclusões. O que falava italiano era um dos dois que se vestiam de gémeos. O homem grande não era um velho, como o chapéu de tela a alguma distância fazia parecer, não tinha mais do que cinquenta anos. E o rapazinho que trotava atrás não era filho de nenhum deles. Mas a demonstração desta última suposição, eu não saberia como sustentá-la.

E no entanto, eles tinham-se reservado um espaço relativamente apertado para o seu passeio na areia, e nessa delimitação eu interpretei a intenção de vigiarem o companheiro mais novo. Na verdade o rapaz espigado corria destemperadamente dum lado para outro, e atirava calhaus à água, com sons de pega e larga, como se houvesse por ali um cão que só ele visse. A certa altura, o rapaz entrou como estava, pela rebentação dentro, e uma onda derrubou-o. Quando se levantou, com o fato-de-treino encharcado até à cintura, os braços molhados até ao cotovelo, já os quatro companheiros lá estavam. Desviando-se da água que ia e vinha, o homem do chapeirão gritou Francisco!, e os outros companheiros gritaram também.

“Francisco!”

“Que é isso, garotão?”

Depois os quatro curvaram-se para o júnior, tentando descalçá-lo, espremer-lhe a roupa encharcada. Mas o rapaz deveria estar a viver o seu momento de rebeldia ativa, tinha idade para isso. Estrebuchou, escapuliu-se daquela solicitude exagerada, e iniciou uma corrida pela areia fora até desaparecer ao fundo. Eu pensei que eram assim as crianças, que sempre aparecem e desaparecem, levadas por um frenesi que é apenas um ensaio para alguma coisa mais. Ser e ainda não ser, é a sua questão. O seu mundo verdadeiro é o esconde-esconde, pensei. E passado pouco tempo, lá desapareciam os quatro na escada da Falésia Roca. Tínhamos andado por perto, as nossas sombras quase se haviam tocado, mas como combinado, não nos tínhamos visto. Agora que se tinham ido, podia eu dar largas aos movimentos. Retirei a toalha do pescoço, dobrei os papéis, guardei-os nos bolsos, e com o relógio em punho, corri pela areia a toda a velocidade,

deixando pegadas sobre as pegadas que eles tinham deixado. Fazia parte do meu programa selvagem correr sobre as algas por uma última vez, correr até o coração querer saltar do peito e cair no chão.

Se o programa dava os seus resultados? Começavam a ser visíveis.

Para tanto, também praticava alongamentos, flexões, balanços e saltos, movimentos solitários que vistos de longe costumam assemelhar-se a tristes gestos obscenos. Mas agora eu fazia esses exercícios na parte de trás do meu bangaló. Não desejava que aqueles homens elegantes, que deveriam ter retratos de antepassados pendurados em palácios suntuosos, até nas cozinhas, me tomassem por uma reles suburbana viciada em ginástica. Não queria fazê-los confrontarem-se com a materialidade do meu corpo, não por uma questão de pudor, mas por uma questão de harmonia. Ou mais simplesmente, achava que poderia contribuir assim, para mantermos o pacto feito de sermos intocáveis. Por isso, ali estava eu, arrumada ao madeirame da fachada norte, debruçada erguida, debruçada erguida, seguindo os ritmos que se dançam nos ginásios, quando reparei que de novo uma sombra se projetava na relva. Era outra vez o rapaz. Os contornos da sua silhueta, os braços atrás das costas como costumavam andar os seus companheiros, o volume arredondado da cabeça. Ali estava ele de novo, sem dizer nada, a olhar para uma pessoa que fazia ginástica. Enquanto não o encarava, pensava que o moço deveria estar a ser enviado pela colónia dos homens para lhes satisfazer a curiosidade, talvez uma confirmação, a resposta a qualquer suspeita. Fosse como fosse, tinham encontrado uma boa forma de manter o pacto de silêncio, eu é que ainda não sabia se iria aceitar. E na verdade, passado algum tempo, em que eu não me eximia a continuar o meu exercício e ele não desistia de me observar, e do outro lado dos bangalós ninguém o chamava, ninguém lhe dizia rápido!, o rapaz perguntou –

“O que fazes tu?” “És artista?”

Era ele ou eles, quem desejava saber? “Sou atriz.”

Respondi-lhe, hesitando sobre o tom que deveria utilizar naquela abordagem pouco comum que os meus vizinhos me propunham enviando-me o rapaz. Mas logo depois, quando fazia de bailarina, esticando-me em altura o mais possível, ele acrescentou – “Eu já sabia. É por isso que andas a decorar umas frases...”

Virei-me para ele. Queria manter-me impassível na tarefa em que estava empenhada. Levantada erguida, levantada erguida. Mas como me desequilibrasse nas

voltas que fazia, quando me encontrava de novo de costas, ouvi-o dizer – “Cuidado, não caias...”

E a seguir acrescentou – “Não tenhas medo de mim. Estou aqui só para te ver fazer ginástica.” “Medo?”

Parei para observá-lo, encarando-o de frente. Por que me falava assim, com uma afirmação tão estúpida? O rapaz tinha um rosto duro, só agora reparava, porque também só agora ele se havia aproximado de forma a perceber-lhe as feições. É verdade que aos catorze anos nada existe no rosto que fale da vida, sobre a pele ainda está tudo por escrever, mas o teatro ensina que parte do futuro se encontra gravado na fisionomia desde nascença. Naquele garoto não se lhe via a testa, coberta por uma cortina de cabelo escuro, nem tão-pouco as orelhas, porque alguém lhe fizera um corte entre o do frade e o do pajem. Mesmo assim, pensei para comigo “Garoto rude, garoto agressivo.” E como ele ali estivesse defendido por essa máscara impenetrável, parado diante de mim, perguntei-lhe – “Quantos anos tens?”

Em vez de responder, perguntou-me, por sua vez, de braços atrás das costas, tal como os seus pares – “Achas que já te perguntei a ti alguma coisa de semelhante?”

Estava visto. Não era só um enviado dos outros, era um rapaz que tinha uma conduta própria, notava-se pela forma como transformava as perguntas que lhe dirigia em perguntas que ele mesmo formulava. Só que a sua autonomia deveria estar a ser treinada pelo atrevimento de outros. Não me cabia a mim, porém, alimentar aquela alma por distrair ou treinar. Pensando nisso, acabava ali o meu exercício físico. Peguei no colchão de espuma, na corda, nos pesos, no relógio, nos untos, e entrei em casa, virando-lhe as costas, não ostensivamente, mas quase. Ele, porém, havia ficado onde estava. Apenas se tinha encostado ao madeirame que separava um bangaló do outro, e ali permanecia a balouçar as pernas de vez em quando, a agitar uma guita na ponta da qual estava presa alguma coisa de metal, uma chave, um canivete, por certo. O rapaz rodava aquele engenho rudimentar entre os dedos como se fosse um moinho. Lá permanecia e de lá não saía. Já as lâmpadas do exterior estavam acesas, e ele ainda ali continuava encostado. Só depois senti que abalava, ouvi alguém interpelá-lo, e de seguida os três carros haviam arrancado.

Isto é, pela primeira vez, alguma coisa na colónia dos homens me incomodava. Por quanto tempo ainda iriam permanecer na Falésia Roca?

Naquele momento, queria apenas que nada viesse perturbar o meu programa rigoroso. Para ali estar, havia despendido todo o dinheiro recebido por um spot publicitário para o qual eu havia saltado no meio duma cozinha falsa, enquanto apontava

para um queijo nojento que diziam ser de cabra. Quanto às visitas do miúdo, elas poderiam ter vários sentidos. Um deles, o mais plausível, talvez fosse o desejo de distração que o rapaz sentisse, vendo na minha pessoa uma espécie de conforto que lhe faltasse. Tal como poderia encontrá-lo na figura da camareira, ou do guarda da estância, ou na figura de um cão de companhia que por ali houvesse. Alguém que precisava de um convívio diferente daquele que lhe proporcionava o grupo de homens cultos e sofisticados que o deveriam aborrecer, com a sua música e os seus livros. Ou talvez houvesse apenas, entre os homens da colónia, algumas regras de lentidão e monotonia, e o rapaz quisesse infringi-las, introduzindo agitação, jogo, rapidez, e eu fosse uma peça na sua construção de Legos. Que se fossem ou ficassem, era-me indiferente. A cada um o seu divertimento.

Por mim, poderia garantir à pessoa que me esperava no Salão do Ritz, que por aqueles dias o meu melhor divertimento tinha consistido em decorar o meu papel, estando a personagem que me era cara cada vez mais volátil e mais densa, a aproximar-se, de hora para hora, da configuração burlesca para a qual fora concebida, feita de propósito para pulverizar a identidade e a História, e eu pronta para a interpretar. Dez folhas daquelas já eu fora capaz de reproduzir, de olhos fechados, e agora eu abria a janela que dava para o poito de cimento com seu guarda-sol aberto, e prosseguia como se estivesse mudando de sexo, passando de homem a mulher, fora do lugar e do tempo – “Damas, cavalheiros, despertei. Que as trombetas digam a verdade. Verdade, verdade, verdade, estou nu na vossa frente...”

Já disse que existe um momento em que fixar um texto se converte numa euforia ao vaguear-se de um lado para o outro, chegando uma pessoa a duvidar se as palmas dos nossos pés não saberão mais do que nós. Se é o andamento que traz as palavras que num momento parecem esquecidas, ou se pelo contrário são as palavras, uma vez lembradas, que provocam o andamento. Uma espécie de locomotiva que se autoabastece. Então deixa-se de ouvir o que quer que seja, e em vez dos sonos mortais, vivem-se vigílias mortais, onde tudo o que nos rodeia desaparece, para se viver só o que se imagina através do que se diz. Nem se dá pelo tempo passar. Nem se dá por quem fala à nossa volta. Os nossos vizinhos podem proceder a ensaios de carros junto da nossa porta, ou prolongar brunches monumentais que decorram entre as dez da manhã e as cinco da tarde, ali mesmo ao nosso lado. Crianças espigadas podem aprender a conduzir carripanas amolgadas, e homens em férias podem bater palmas como se estivessem no Royal Albert Hall, diante de rainhas, que nada nos atinge. Há um momento mesmo em que a personagem nos espera a meio do nosso próprio caminho, a sua imagem aproxima-se de nós, e não o inverso,

toma-nos de assalto e vive em nós e por nós, e mesmo sem dieta nem ginástica uma pessoa emagrece se a personagem for magra, ou engorda se a personagem for gorda. Como se o outro que se interpreta tomasse conta de nós através da fala, a fala nos fizesse grávidos, e nós deixássemos de ser nós e passássemos a ser ele ou ela. E assim, eu dizia – “Verdade, verdade, verdade, estou nu diante de vós, toquem as trombetas...”

Dizia no interior daquele bangaló, onde o tampo da mesa pegava com o telhado, e a cama com o debrum da mesa, e o teto me parecia um toldo aberto só um pouco mais alto no meio, para não me tocar no cabelo. Aquele deveria ser o nono dia depois da chegada, e pela primeira vez eu não tinha posto o pé na rua, tendo apenas estendido a mão fora de portas para tomar a bandeja com a refeição, e ali andava naquele pequeno espaço, a ler e a reproduzir em voz alta, sem necessidade de me aproximar da Huppert nem da Tilda, porque estava no interior da figura que nos unia. De tal modo, que ao passar junto ao espelho, disse diante da minha imagem – “Berta Helena, és uma grande atriz...” E prossegui, entregue completamente ao desempenho do meu papel, indiferente ao sol de março que tingia de azul e amarelo os poentes como se um papagaio cósmico tivesse deixado as cores pelos céus, indiferente ao mar que batia lá em baixo a sua cantilena eterna de mãe monótona, infatigável. Era isso, caía a noite, os carros deles por certo já haviam saído, eu estava povoada por figuras que voavam em meu redor provenientes da velha Inglaterra, e por isso, quando vi um rosto colado ao vidro da porta do meu bangaló, por um instante, julguei que se tratava da visita que o insidioso poeta Greene fazia ao espírito da minha personagem, de século em século. Mas eu sabia que não era assim. Soube, desde o segundo instante, que era o rapaz espigado quem estava do outro lado da porta. E isso era uma contrariedade.

Era uma contrariedade porque era uma intromissão.

Pelo tempo que me fazia perder, pelo facto de ter de procurar palavras longe do vocabulário que me possuía, fazer-me voltar a um mundo que não era o meu, e uma verdadeira irritação apossou-se da minha pessoa, uma quase indignação me tomou, e eu ia a levantar o braço para dizer alguma coisa que se assemelhasse a uma trombeta que tocasse verdade, verdade, verdade, agora Orlando deixara de ser mancebo, passara a ser mulher, quando o miúdo desapareceu da zona transparente do vidro, e o vidro ficou escuro outra vez.

Ora o desaparecimento do outro é alguma coisa que no palco não pode acontecer. Ou o outro vem de novo até nós, ou nós dirigimo-nos para o outro. O vazio num vidro de janela não pode prolongar-se muito mais para além de um minuto, quanto mais para além

de três. Ninguém resiste, ninguém aguenta semelhante expectativa. Chamei alto – “Eh! Eh! Criatura...” Lembro-me de ter ido à porta, tê-la aberto e lembro-me também de ele ter entrado. Aconteceu simplesmente, como se fosse em cena, e o outro a quem eu tivesse de me dirigir estivesse disposto a faltar. Uma admoestação contra o outro. Pois de outra forma, como iríamos continuar? – Eu diria que se tratou de um gesto profissional. É a única explicação de que disponho, no caso de o homem querer saber por que razão entrou o rapaz no meu bangaló. Se assim for, dá-la-ei sem rodeios, pois quero contar toda a verdade, enquanto está pura no meu coração. Ainda bem que o homem grande marcou este encontro antes de o inverno chegar.

Então o rapaz entrou, e era de facto um adolescente típico sem a medida das proporções. Começou por se sentar refastelado no maple, como se tivesse direito a tudo quanto o espaço lhe permitia. Instalou-se, e não lhe dirigindo eu a palavra, tomou ele próprio a iniciativa.

“Não fui jantar com eles, como vês. Não me perguntas porquê?” E ele mesmo respondeu à sua própria pergunta – “Não fui com eles porque queria ver-te.”

“Já me viste...”

“Só ver-te, não te quero fazer mais nada.”

A fala do miúdo tinha o seu quê de cómico. Dava-me vontade de rir. “Pois o que querias tu fazer? O quê? Diz lá...”

Ele esticou as pernas na direcção da mesa e não respondeu, e por um momento ainda olhou para o teto. Mas logo retomou a mesma pose e eu avalei a sua coragem, pois apesar de tudo enfrentava uma mulher adulta, possuidora de armas que ele não tinha. Os meus braços, postos na cintura, movidos pelo impulso do meu papel, deveriam estar a dizer rua, rua, rua. Mas ou fosse da paragem súbita e forçada, ou da exaustão do dia, ou da frugalidade guerreira a que me entregava, uma lassidão invadiu-me e eu procurei uma cadeira. Ainda tinha à minha volta as figuras de comédia oriundas das Ilhas Britânicas, muitas delas como se tivessem saído dum manicómio, trazendo para os pátios a sabedoria delirante das suas vidas carnavalescas, e a minha personagem no meio delas não me permitia afastar-me, mesmo sentindo-me esgotada e com um rapaz atrevido sentado no único maple que havia. Que me importava que estivesse ali um espectador impertinente? Que me importava? Eu sabia que a lassidão haveria de me invadir, que ela haveria de chegar sem pedir licença para entrar, mas era preciso combatê-la. Dentro de algum tempo, aquela seria a hora exata em que eu entraria no palco envergando um culote de veludo azul-da-prússia, um cinto de lantejoulas, e durante duas horas, não menos, teria de me

manter ininterruptamente em cena. Era preciso ganhar ritmo, habituar-me a fazer coincidir a fala com as horas. Se a presença de um miúdo acolhido ao meu bangaló por não ter querido jantar com os seus, me desviava do que fazia, então como iria suportar que o papel mais exigente de toda a minha vida fosse levado até ao fim? Não havia dois caminhos. Reiniciei o passo largo, os movimentos de cabeça, que segundo a didascália deveriam ser severos, presos pela compressão da gorjeira, o menear da testa que deveria ser enérgico para afastar o cabelo caído, mantendo as mãos presas do punhal, ou da pena, e recomecei a dizer de cor, pois as falas recentemente aprendidas estavam todas expostas como se a memória se tivesse estendido sobre uma bandeja generosa e as suas circunvoluções se desenrolassem por inteiro diante dos meus olhos. No exíguo espaço daquela habitação provisória, eu havia criado a meio um corredor livre por onde passava, murmurando palavras cá e lá, indiferente ao rapaz tão jovem quanto grosseiro.

Sobretudo grosseiro, pois num momento em que eu tinha parado, para conferir a fala, ele rebolou-se no cadeirão e disse – “És muito boa, pá, mas vais mal.”

E agitou a mão no ar com um gesto largo que parecia não lhe pertencer. Eu tinha pousado os papéis sobre a mesa. – Pois o que sabia aquele rapaz sobre a minha pessoa para me dizer semelhantes palavras? És muito boa, pá, mas vais mal... Sim, o que sabia? Encarava-o, incrédula. Se a cena fosse num palco, aquele seria o momento de a mulher se aproximar do rapaz, apontando-lhe a porta da saída. Sentia-me irritada, ele próprio se tinha levantado e no entanto continuava a falar como se estivesse completamente seguro de si.

“Vais muito mal...” – insistiu. “Esse papel não presta, não existe ninguém neste mundo que possa ser ao mesmo tempo homem e mulher... Diz lá se existe, dá lá um exemplo. Dá lá...” – Continuava a insistir, ao mesmo tempo petulante e enervado. Consultou o relógio.

“Não dás exemplo nenhum, pois não?” “E agora vou andando...”

Mas não ia. Estava no meio do meu exíguo espaço, atravancando-o, e era mais velho do que eu tinha imaginado. Talvez tivesse catorze anos e meio, ou mesmo quinze. A sua figura inspirava-me torturas. Tive vontade de lhe dizer – “Meu amigo, ainda nem tens oitocentas semanas de idade, mete-te na tua vida...” Mas fez-se um intervalo. Achei que não podia humilhar um rapaz que estava ali em frente, espigado como um poste, pronunciando frases engendradas com a impertinência duma pessoa que experimenta ensaiar poder sobre o desconhecido. Uma pessoa a braços com a definição dos limites do seu mundo. Eu não sabia o que ele queria dizer, nem sabia sequer

se era ele mesmo quem queria dizer, se eram os meus vizinhos através dele. Aliás, no meio daquela arrogância pretendida, não podia deixar de lhe reconhecer inteligência, frontalidade, uma certa desenvoltura pela forma desabrida como se me dirigia. Berta Helena sabia de si mesma que era uma mulher de temperamento exuberante, por vezes brutal, mas não ruim. Por acaso, naquele momento, Berta Helena até estava sem fala. Foi o rapaz quem tomou a iniciativa de dizer.

“Amanhã, volto outra vez. Já sabes...” Amanhã, mas amanhã porquê?

Não seria natural. Nas habitações em frente, a tarde seguinte iria ficar repleta de eventos, de falas, sucessos, visitas inesperadas que invadiram a colónia e quase a duplicaram. Também o número de carros duplicou. A certa altura, rapaz tomou a 4L e outros ficaram a vê-lo descer e subir a rampa, em pleno treino. Como não havia espaço para recuar, o homem franzino levantava a bengala para dirigir a manobra. Ouvia-se por todo o recinto – “Para trás... Agora vira o volante todo para a tua direita. Mais, mais...” O rapaz terminava a manobra, saía da carripana e ia olhar efeito. Alguém que eu nunca tinha visto, nem ouvido, explicava sobre a relva por que razão aquele não era um bom carro de instrução, um carro velho com as mudanças no tablier. Com aquele talento para conduzir, por que não passavam o rapaz para um dos Rover, ou então para o jipe?

“O jipe? Isso queria ele...” – dizia o homem grande, o do chapeirão branco que lhe cobria as faces de sombra.

Encontravam-se estacionados outros carros por ali. Aquele que tinha sugerido o jipe dirigiu-se para uma outra viatura, abriu uma outra porta, tilintou no ar umas outras chaves, e o rapaz sentou-se ouvindo as explicações do novo instrutor, o rapaz no assento ao lado. Tinham acabado por sair, rolando devagar pela estrada da Falésia, mas passado algum tempo, já o rapaz voltava trazendo o carro por suas mãos, estacionando o novo carro, saindo dele aos gritos e aos saltos. “Calma, rapaz!” – Vozes de prudência faziam-se ouvir. Compreendia-se, os protetores do rapaz pareciam querer dizer que entre ele e aquelas máquinas não havia distância, que era uma questão de inteligência, uma entrega total do rapaz ao corpo dos carros, uma vocação extraordinária, não uma inconsciência da sua pessoa, isso não, antes uma hiperconsciência da engrenagem mecânica, o que era fantástico. Mas reconheciam que jovens assim constituem um perigo, não distinguem onde o seu corpo começa e onde ele acaba, e por isso se entregam a corridas desenfreadas, fazem proezas e acrobacias, ferem-se e matam-se, precisamente porque entre eles e os objetos não estabelecem distinção, sentindo-se eternos e invioláveis. Era essa a razão pela qual lhe estava vedado o jipe. Peremptório, o homem grande dizia – “Não pode ser...”

Pondo um ponto final naquele treino. Discutiam aqueles homens, ao fim da tarde. De dentro, ouvia-se chamar – “Francisco! Viene qui! Rapido!”

“Francisco?”

Depois, os visitantes partiram e o mundo restrito dos bangalós ficou igual. Ficou em paz. Quatro carros estacionados em frente da minha casa.

O rapaz tinha dito amanhã? Prometeu, cumpriu. Caiu a noite e o rapaz voltou, como se não tivesse existido a cena da instrução do automóvel.

Deveria ser o décimo primeiro dia da minha estadia, o décimo dia da estadia das pessoas da colónia. Se o homem me perguntasse, eu iria dizer a verdade – Cerca das nove da noite, o rapaz encostou o rosto ao vidro escuro e a superfície iluminou-se. Impaciente, ele mesmo começou a rodar o manípulo, mas uma vez dentro do bangaló ficou rente à porta, trancando-a com o corpo. Não saía da porta. Despia o anorak, sacudia o anorak, deixava-o escorregar para o chão. Eu olhava para ele e percebia que poderia desencadear-se uma situação qualquer que eu não controlava, mas nem eu sabia se deveria ou não controlar. Achava que os factos em si se encadeavam com sua lógica própria, que não os deveria desviar, que apenas deveria estar vigilante para poder agir em conformidade quando a peripécia acontecesse. Na altura eu já tinha completado quarenta anos, e vivendo dentro do teatro desde os quinze, uma pessoa sabe como é. Pressente-se quando o desenlace vem a caminho, antes de se conhecer a fala que o tece. O que poderia eu fazer? Estava encostada à porta oposta, e segurava junto do peito um molho de folhas sublinhadas. Eu não dizia nada, porque não tinha nada para dizer. Com ele deveria acontecer outro tanto, também não dizia nada, mas esse intervalo durante o qual nada acontecia, para ele deveria funcionar como uma fala eloquente, um espaço preenchido pelas palavras que ele mesmo queria ouvir. Passando por cima do anorak, o rapaz caminhava na direção da porta oposta, aquela onde eu me encontrava. Não te movas, não te movas, parecia ele dizer, produzindo uma placa de stop com as mãos abertas. Mas porquê?

“Quero que não decores mais, esta noite. Quero que pares, quero ver-te imóvel, quero ver-te dormir” – disse ele, já a meio da divisão.

Eu estava encostada àquela porta, a sensação confortável de quem ainda não tinha entrado na sua teia. “Ver-me dormir? Por quem me tomas?” – Tomado à letra, o rapaz continuava a ser cómico. Tive de lhe

dizer – “Estás enganado, meu filho, há muitos anos que recebi o beijo dos meus príncipes...” E ri-me de encontro à porta, a ponto de agitá-la. Mas ele não parecia ressentir-se.

Pelo contrário, subverteu de imediato a questão. “Estás a ver? Não te perguntei isso...”

Deveria ter usado até há pouco um aparelho corretor nos dentes, e um deles, mesmo à frente, permanecia ligeiramente encavalitado, mas o brilho do seu esmalte era perfeito. Vendo bem, era o detalhe da sua cara mais visível, os dentes brancos expostos numa feira saliente, encobertos que estavam os olhos por aquele cabelo escuro cortado a direito como uma crina. Não era preciso ser particularmente inteligente para compreender que dentro do rapaz havia um combate. E no entanto, era extraordinário o seu controle. “Anda, não tenhas medo. Sai da porta, vem...” – dizia ele, mantendo-se a meio do espaço.

E eu pensei de novo que mais extraordinário do que o seu controle era o seu atrevimento, e mais singular do que o seu atrevimento era a sua linguagem, já que nada o fazia deter. Trazia uma ideia fixa. Ainda se encontrava a meio do espaço – “Vamos fazer assim – Eu fico ali, sentado, e tu além, na tua cama. Compreendes? Tu dormes e eu vejo-te dormir, só isso. Roubo-te alguma coisa? O que te roubar devolvo-te”

– disse de seguida, atirando-se depois para o interior do maple e estendendo as pernas finas sobre a mesa, os ténis bastante sujos sobre o pedaço de vidro que era a mesa.

“Estou à espera.”

Agora o jogo estava do meu lado. E eu conhecia o suficiente sobre a vida para saber que naquela situação era preciso agir como se ele ali não estivesse. Era preciso retirar-lhe importância, proceder como se fosse indiferente estar ali ou não estar. Iria, pois, retomar o andamento, deambular agarrada aos papéis sublinhados, lendo quando me aproximava da luz que pendia do teto sobre a cadeira, recitando quando entrava na zona da penumbra, decorando na sua frente o papel que ele detestava. Ali estava ele à espera. Bem poderia esperar, recostado, a olhar-me, transformado num estranho diretor de cena. Um espectador insolente à espera duma oportunidade indefinida. Os seus olhos estavam quase ocultos pelo cabelo, já o disse, mas neles havia alguma coisa que brilhava, uma nesga ínfima que indicava a direção do olhar. Essa nesga de luz andava dum lado a outro, fazia pêndulo, seguia os meus movimentos, cá e lá. Estivesse onde estivesse, lá estava a fresta dos seus olhos, e uma curta rotação da cabeça. De resto, o insolente tinha-se imobilizado no fundo daquele cadeirão de napa. Durante quanto tempo? Muito tempo, pouco tempo, o tempo suficiente para que a certa altura o olhar dele tivesse desaparecido,

a nesga de luz dos olhos se tivesse fechado, e o ligeiro movimento de cabeça que fazia, acompanhando a linha dos meus passos, também tivesse cessado. Eu tinha parado de falar em voz alta. A princípio pensei que reagiria ao meu silêncio, não reagiu. Compreendia muito bem. Esticado no cadeirão, o insolente dormia. Jovem caçador, caçado. Ele dormia, não eu.

Mas era inconveniente que eu juntasse deste modo os sujeitos. Pois na hipótese improvável de que eu também dormisse, não dormiríamos de igual modo, nem aquele que estivesse em vigília olharia para o outro com o mesmo interesse. Essa era uma associação indevida.

No silêncio que havia descido sobre aquele espaço, perguntava-me a mim mesma se acaso não consentia naquela visita apenas por compaixão para com um rapaz de pernas longas que se iniciava na arte do atrevimento, e cujo primeiro ensaio poderia ser definitivo para o resto da sua vida. Ou pela noção de que aquele treino, que o rapaz ali estava a tentar cumprir a dois, para a minha pessoa, poderia não significar absolutamente nada, e para ele poderia significar muitíssimo. Eu poderia nem mais me lembrar de que um rapaz com altura de homem me visitava às escondidas dos seus, no interior dum bangaló, tantas já haviam sido as visitas que me haviam sido feitas, em situações bem mais rumorosas, cenas que tinham incluído cartões e flores, promessas de amor até ao último suspiro, mentiras, verdades, rostos corados e rostos pálidos, mãos trementes, traições guardadas nas algibeiras, morbidez e alegria, e tudo o mais, tudo misturado na cascata dos contrários, todo esse sedimento que me havia criado uma crosta dura com sua zona de contacto com a carne viva, sensível, dolorosa, mas escondida. Esse galope de contrastes que faz com que uma mulher aos quarenta anos possa dizer – Berta Helena, tocaste com os teus vinte dedos todas as teclas da tua vida, agora é só repetir os acordes, como sabes. A segurança é isso.

Mas não ele, não aquele que ali estava dormindo, entregue ao cadeirão como se fosse o seu travesseiro de infância. Uma criança, e contudo o buço escuro sombreava-lhe o lábio, estava barbeado, já era um homem. Um adolescente, um monstro, uma figura a desembaraçar-se da sua fantasia de criança e a entrar na antecâmara suada do adulto. As pálpebras lisas da criança, a boca ligeiramente entreaberta, a respiração silenciosa da criança. A luz listada que saía do candeeiro de bambu iluminava-lhe precisamente a boca, escurecia-lhe o lugar da testa e os ombros. Viam-se-lhe as pálpebras, não a testa. Eu tinha pousado no chão o monte de papéis sarapintados de cores. Se me aproximasse mais, talvez ele acordasse. Não podia acordá-lo. A curiosidade, porém, era maior do que o temor. Nem

chegava a ser temor, era apenas cuidado, receio de que acordasse, se apercebesse do meu gesto e tomando conta dele, a situação se tornasse indomável. Como procederia então aquele rapaz? O que diria junto dos seus? O que contaria no meio daquela colónia de homens, entre os quais a minha vida já não deveria ser desconhecida? Avaliei o peso da minha mão, ela poderia não só ser leve como rápida. Iria ser ágil. Com o indicador direito, afastei-lhe o cabelo e pude ver-lhe por completo o rosto. As sobrancelhas iriam ser espessas. Por enquanto eram uma demarcação rala, pêlos desordenados por aqui e por ali, subindo pelas têmporas. Algumas marcas vermelhas, isoladas, na pele escura. Os olhos fechados. Sim, era um rosto belo, era um belo rosto desarmado. Um homem futuro entregue ao sono, como uma promessa de paz. Sansão de cabelo cortado. Se fosse em cena, o que faria? O que pediria a cena? Um gesto, uma fala? Nada, nada. Tudo o que não fosse nada, mais do que um erro seria um perigo. Eu encontrava-me curvada diante daquele rapaz, a ver apenas como nascera noutras faces a fonte dos meus perigos. Ele mesmo constituía um perigo. E nem ele acordava nem eu desistia. Era preciso cuidado, aquele momento não podia assemelhar-se a uma eternidade, nem havia que temê-la. O fato-de-treino tinha-me posto os joelhos frios. Janelas e portas tinham os estores descidos. Ridículo pensar em eternidade. Aliás, nem era preciso quebrá-la. Já dava para sentir que os carros regressavam. Uma porta batendo, lá fora, fazia paf! Uma batida normal, no silêncio suspenso ali dentro, parecia um estrondo. A realidade frouxa como um entrançado de palma. Eu ainda estava curvada na sua frente. Então ele imobilizou-me o braço – “Espera...”

Perguntou, sem se mover – “Já chegaram?”

Sim, a realidade não podia assemelhar-se a uma eternidade. E para que desejaria eu aquela eternidade se não estava povoada de nada a não ser de contemplação? Só ao demónio conviria essa eternidade. A cortina de cabelo tapava-lhe outra vez a cara. “Já chegaram, e eu não dei por nada...” – dizia o meu visitante, consultando o relógio, desapontado com as horas, mas não se queixava nem de si próprio que tinha adormecido, nem de mim mesma, que não o havia acordado. “Deixei-me dormir, um tanso...” – Curvado sobre os joelhos, rola as unhas, ou pelo menos tinha-as junto dos lábios, rente aos dentes. “Que me importa que tenham chegado? Não lhes devo coisa nenhuma...” – E no entanto, nada lhe era menos indiferente. Na sua figura sobressaltada, existia ao mesmo tempo o receio da criança temerosa e o impulso de refrega que há no homem. Naquele momento, já ele havia recolhido o anorak do chão e esperava, completamente concentrado nos sinais exteriores à casa. Quando o movimento lá fora sossegou,

encaminhou-se para a porta traseira, mas antes de sair voltou-se, risonho, como quem comete um ato entre a falta e a proeza – “Não dei por que as horas passassem. E tu deste? Também não deste...”

De súbito, perguntou – “E se eu ficasse aqui?” Disse-lhe que não.

“Ficava ali...” – E indicou o chão. “Ficava debaixo da tua mesa. Juro que não saía daquele tapete...”

Só depois abriu a porta, silenciosamente, e pé ante pé, saiu para a rua. Nos bangalós em frente, portas abriam-se, fechavam-se. E eu pensei, com uma insensatez semelhante à que se experimenta no amor – “Não volta mais.”

E por que razão haveria de voltar?

Nos últimos dias, a temperatura não cessava de aumentar. Sem vento nem frio, o Atlântico parecia um rio que tivesse perdido a noção das margens e do declive, e se espraiasse por onde calhava, por onde a areia o permitia, e no céu grossas nuvens brancas ficavam suspensas sobre a falésia como se vigiassem a costa de um desembarque invisível. Eram tão espessas as nuvens que pareciam querer desprender-se e cair sobre os barcos que passavam na barra. Percebia-se que o tempo iria mudar. Adivinhava-se a chegada de nuvens escuras que viessem do sudoeste e chocassem com as brancas, e então haveria chuva e a areia arrefeceria, os pinheiros fechariam as agulhas e, em vez de túneis suaves, haveria túneis gotejantes que deveriam impedir a corrida e a marcha. A todo esse transtorno poderia chamar-se primavera, e no calendário, de facto, essa estação acabava de chegar. Tinha sido anunciada com a abertura de uma outra frente de guerra, muito longe, no coração de um deserto, deles e nossa como de toda a gente. Toda a batalha transformada em guerra mundial. Até os meus vizinhos, em mangas de camisa, à hora do brunch, haviam discutido o assunto. Ouvia-se pelo recinto “Acham que o Ocidente vai sucumbir? O que acham?” – Sim, lá fora havia toda essa ameaça, mas nós estávamos escondidos entre uma língua de areia e uns pinheiros mansos, entregues aos nossos espaços interiores. Imaginava por mim. O sussurro de vida distante chegava ali, com seu anúncio de inquietação comedida, ao mesmo tempo que eu pensava – “Não volta mais, não volta mais...”

Pois como voltaria? Na noite anterior, havia dado pela entrada do rapaz, portas abertas dos bangalós em frente, vozes baixas, vozes altas, portas ruidosamente fechadas. O que lhes teria ele dito? No caso de lhes ter contado, o que significaria para aqueles homens a fuga de um rapaz para o interior do bangaló da mulher? Como a interpretariam

eles? Não tendo respostas, dizia para mim – “Berta Helena, acabou-se, vai em frente. Adiante, amiga...”

E adiante era o desempenho daquela figura que eu havia agarrado com todas as forças e me tomava o corpo e a alma. Melhor dizendo, tomava-me a alma e apoucava-me o corpo.

Não será um exagero se disser que por vezes uma astenia imensa me tomava pela manhã, e me imobilizava dos calcanhares à nuca, impedindo-me de me levantar. Deitada sobre a cama, sentia o corpo ainda não magro mas já murcho, uma cova no lugar do estômago, o rosto chupado no lugar dos papos. Teria eu ido rápido de mais? Precipitado de mais? Não importava. O guaraná e o giseng, misturados em boas quantidades, assim que os tomava, conseguiam fazer de mim um génio ativo. Atingida a sacudidela dos excitantes, acontecia o que tinha de acontecer – Mal olhava para os papéis, o tempo fazia-se outrora, eu passava a ser um jovem lorde inglês transformado em lady, e decorava o meu papel de mulher recente, agora amante de um homem, tendo de proferir frases retumbantes, a propósito da cerimónia do meu casamento “Eu chamei por ele, ele chamou por mim, e as nossas palavras subiram e giraram como falcões bravios por entre os campanários...” Diria eu pela minha personagem, tanto ela quanto o meu marido, ambos para sempre e definitivamente ambíguos, pois apenas uma célula, quando muito célula e meia, nos distinguia em matéria de ser e sexo. Pelo menos era o que se deduzia do papel que eu decorava, entre os tarcos de bambu, rede e palha que povoavam a minha habitação, sendo eu mesma ora ele ora ela, conforme manejava a espada ou o bule, o livro ou as rendas. Arrebatava-me sobretudo o facto de tudo ser irreal, e cómico, e fatal, e haver rimas por toda a parte, mesmo que não fossem audíveis. Eu ouvia-as. Exaltava-me pensar que interpretando aquele papel estivesse a dizer ao mundo que o mundo não passava de uma alquimia inexplicável, que a História não passava de uma farsa contada aos estúpidos, que o género era um tule sem espessura que revestia o ser humano de mentiras. E por isso, que não me incomodassem, não me batessem à porta, que a muda que falava não entrasse para limpar a areia que o garotão havia deixado sobre a mesa, na noite anterior. – Agora já era tarde? Já era fim de tarde? Já era outra noite? Já eles teriam partido nos carros? Já teriam levado consigo o rapaz júnior? O meu personagem disse – “Estou pronto, posso ser tudo...” Encostei-me, abri os olhos, e vi rente à janela a pessoa que eu esperava.

Era ele, espreitava pelo vidro.

Juro que foi assim. Hei-de contar ao homem grande a verdade, não para me justificar, mas para ser fiel ao ser. E a verdade é que naquela noite, sobre a Falésia Roca, eu não podia fazer nada, porque o rapaz, ele mesmo, já ali estava, e estava diferente. Não vinha em fato-de-treino, envergava umas calças de bombazina que o encorpavam, e em vez do anorak trazia um blazer que não era obviamente seu. Tinha penteado o cabelo para o lado e por certo havia aplicado um gel qualquer para o dominar, pois parte dele estava colado à têmpora esquerda, e a testa, que na noite anterior eu mal havia entrevisto, encontrava-se completamente exposta. A testa abaulada. Parecia outra pessoa, por momentos mais nova, e por momentos mais velhos. Com gestos que pareciam particularmente metódicos, havia-me retirado os papéis das mãos e tinha-os colocado sobre a mesa, com regra, como se fosse um secretário. Eu continuava perto da porta de trás, o meu lugar, e vi ele a aproximar-se com os seus novos gestos, lentos, dignos. Falava devagar.

“Estás a ver além, aquela janela com luz?” Sim, via perfeitamente.

“Sou eu a ler um livro sobre Dinossauros...” E riu bastante.

Para dizer a verdade, descontado o alvoroço que fazia durante os treinos, era a primeira vez que o via rir assim. De facto devia ter tido o seu dente encavalitado. Já não tinha. Eu acabava de chegar de outras paragens, as paragens dos modos da coroa inglesa sob o domínio vitoriano, sua armada imperial, seus leques e suas saias, e vivia o momento presente pelo menos a duas velocidades. Eu não sabia o que dizer, face à mudança do meu visitante, tinha receio de o ofender, mas entre o rapaz da noite anterior e o rapaz daquele momento, pareciam ter decorrido dez anos. Eu só disse – “Voltaste a não ir com eles...” Ele voltou a rir, mas desta vez, tendo começado de forma contida, como se o que lhe houvesse perguntado contivesse algum detalhe demasiado cómico, passara a rir abertamente. Aprontado em blazer escuro, ria e curvava-se, ruborizado. A luz listada do candeeiro, sobre o busto.

“Já lá estou, não vê?” – E ria mais. “Possivelmente deverias estar...” – disse-lhe eu.

Naquele momento, ele tinha parado de rir. Como de costume, havia posto os pés em cima da pequena mesa, as solas sujas no ar, e sobre o tampo havia de novo areia. Mas mudou de posição para dizer com solenidade, uma solenidade sublinhada por aquele penteado novo, colado às têmporas – “Não sabem de nós, pois não sabem, não...” E acrescentou – “Mas sabem que gosto de vulvas e de mamas. Isso, sabem...”

Eu tinha ouvido bem. Ele tinha pronunciado as palavras com cuidado, como se quisesse que eu escutasse, uma a uma, todas as sílabas e entendesse o seu significado, sem margem para dúvidas. Era como se uma corrente elétrica me tivesse amarrado à cadeira onde me encontrava.

“Já sabem do que gosto...” – rematou. “Então?” – perguntou depois.

Não, eu não estava chocada, o teatro ensina que as palavras podem não passar de indícios predadores. No vago, eu apenas fazia contas de subtrair com as palavras. Mas seria mesmo necessário o rapaz ser tão explícito? Para se crescer e ser-se um homem, seria mesmo necessário utilizar a anatomia humana como um instrumento de introdução ao asco? Em que momento o amor se cruzaria com o estrume? Pensava no assunto, pacatamente, poderia até fazê-lo em voz alta, e no entanto não conseguia dizer nada. Talvez aquele papel que me possuía por inteiro me estivesse a aniquilar o discernimento e a vontade. Se fosse em cena, como seria? Em cena, conviria levantar-me e aplicar-lhe um estalo, levá-lo dali para fora, denunciá-lo àquela colónia de homens elegantes que deveriam desconhecer o descaramento da criatura a quem ensinavam a condução de automóveis. E nessa cena, eu até poderia dar-me ao luxo de engendrar pensamentos cheios de vingança, palavras contra a fatura sórdida que reconhecia às pessoas reles que falavam da distinção entre homens e mulheres com linguagem de suíno. Palavras vingativas, gestos exacerbados. Mas essa seria uma cena que não me daria respeito, em vida. Pelo contrário, na minha frente, enquanto aquele garoto encharcado em gelatina ria, eu ria para ele, e eu nem sequer iria pedir-lhe que me pedisse desculpa. Não tinha de quê. Aliás, em vez desse gesto, ele até acrescentou – “Não sei por que estás tão chocada, só estou a repetir o que o Lorca disse ao Dalí por causa da Gala... Mamas e vulvas. Achas que eu não posso dizer o que ele disse?”

“É proibido?”

Mesmo assim, eu não reagia, e ele via isso, e por certo compreendia o facto a seu modo, compreendia que eu não era da sua idade nem do seu team. E eu compreendia que o meu visitante repetia frases que ouvia, e ainda que de forma tortuosa, ele continuava a ser o braço longo daquele grupo, junto da minha pessoa. Um braço, por certo, incontrollável. Acaso não tínhamos combinado ser insensíveis, invisíveis, incomunicáveis? Era impossível dizer fosse o que fosse. De súbito, o rapaz acercou-se de mim e começou a balbuciar palavras, pegando-me nas mãos – “Desculpa lá, desculpa lá...” Mas ao aproximar-se da minha cara, eu tive um pressentimento, ou mais do que isso, tive a certeza absoluta daquilo que o seu bafo anunciava. O rapaz tinha bebido, e eu

só ainda não havia reparado porque estava no interior dum outro mundo, que me tomava por completo e de onde era difícil sair em parte, só saindo na totalidade.

Despertei. Saltei sobre ele.

“Francisco! Você bebeu uísque... O que bebeu você?”

Começou por negar. Madeixas de cabelo soltavam-se-lhe da moldura colada. Madeixas espetadas, bandarilhas em volta da cabeça.

“Sim, bebeste. Foi gin? Cerveja, uísque? O que foi que tu bebeste?”

Como ele não se explicasse, só risse, eu aproximei-me da sua cara para lhe farejar o hálito “Bebeste, sim, não negues, encharcaste-te...” Não bebi, não bebi, dizia com a cabeça. “Tu bebeste...” E eu sentia-me surpreendida e desgostosa mais pelo facto em si, do que pela causa que adivinhava.

“Por que bebeste tu, Francisco?”

Claro que adivinhava. E aí, eu deveria ter tido outra atitude, mas era difícil encontrar o gesto certo, a distância ideal, ainda que eu quisesse e a tivesse procurado. De facto ele aproveitou a proximidade do meu rosto bastante perto do seu, para se comportar mal. Pelo menos foi assim que eu o entendi naquele momento, sobre o qual não irei falar. O homem corpulento poderá entender, se quiser. Poderá imaginar. – Um rapaz demasiado jovem a querer dormir no regaço duma mulher, a querer que ela durma no ombro dele, a enlaçá-la pela cintura, pelos ombros, a querer pentear-lhe os cabelos, a apanhá-los, a soltá-los, a enviar-lhe beijos, a não querer sair de onde estava, colado ao cadeirão, colado à cama para onde se havia atirado sem blazer, com os braços estendidos, a querer despir-se, a querer descalçar-se, o cabelo completamente desprendido da sua armadura, solto em repas tesas em torno da face, o cinto daquelas calças extraordinárias a cair enrolado no chão, a voltar à cintura. Componha-se já, já, Francisco. Dizia eu, enquanto lá fora, a luz que o rapaz deveria ocupar com leituras de bom senso, se mantinha acesa, e os seus companheiros ou seus parentes chegavam, mas, ao contrário da noite anterior, ele não queria regressar. E eu devo confessar que nunca fui brutal, nunca o empurrei, nunca o sacudi com violência, nunca o insultei, nunca lhe quis mal. Talvez eu deva confessar que tinha curiosidade em saber como iria terminar aquele encontro com um rapaz conduzido por três copos de álcool. Ou então era a passiflora cruzada com a valeriana, que haviam criado dentro de mim uma amarra que me atava as mãos com mais eficácia do que uma corda. Plantas calmantes que eu tomava ao fim do dia e me tornavam pacífica como taças. Ou um outro rosto, de um amor desconhecido. E então?

Então era madrugada quando a luz do bangaló em frente se fechou e ele já ali não estava. No que respeita a horas de entrada, melhor do que eu o homem grande deve saber, não irei precisar de lho recordar. Era já dia claro. E eu pensava – “Agora sim, acabou-se...”

Claro que no dia seguinte, houve dia e houve noite. A manhã tinha surgido como previsto, com as nuvens brancas a serem alcançadas pelas escuras, e a formarem-se entre elas tempestades cujos raios descarregavam no mar partindo-o em vários. Em frente, as quatro viaturas estacionadas diziam que os meus vizinhos desfrutavam dum brunch infundável, no interior das casinhas precárias. Sob o efeito do aguaceiro, estávamos como as abelhas e as aranhas, não nos movíamos. Eu não saí. O meu almoço foi-me deixado por uma motocicleta coberta por um oleado, e chegou à minha bandeja com chuva dentro dos pratos. Mesmo assim, quando a noite caiu, eu ouvi a batida na porta. Os estores estavam descidos, o vidro estava opaco. A porta ainda abanou, primeiro devagar, depois com firmeza, por fim com violência. Estava decidido que não abriria. Queria lavar as mãos daquela tentação. A vida decidir-se-ia fora do meu alcance. Fechei os olhos, entregue à personagem que me levava agora pelas longínquas estradas de gravilha rasgadas ao longo dos prados das Ilhas Britânicas, gares ogivais do fim do século dezanove, automóveis pioneiros do início do século vinte, estava agarrada ao soalho, a medir a cintura e a barriga das pernas, estava como deve estar uma profissional de teatro atenta, dominada, cumprindo um programa por objetivos, etapa após etapa. Completamente lúcida. Sim, o rapaz não desistia. Felizmente que a bâtega de volta ajudava, unindo os sons e confundindo as mensagens. O rapaz desistiu.

Foi então que se deu aquela cena histórica, ou de coincidências, conforme se pense na sua natureza, ou na forma como decorreria num palco. Muito simples de reconstituir. Aqueles homens sofisticados, que pareciam ter nascido no interior de salas de ópera e museus de Arte, por vezes deviam cozinhar nas minúsculas kitchenettes de entrada. No ar havia um forte cheiro a café e pão torrado. No meio das chuvadas, eu levava a cadeira de plástico até ao tabique de separação dos bangalós, e agora encostava a cabeça à parede para me abrigar da humidade. O ar estava lavado, eu via-os, eles não me viam, mas não me competia a mim dizer estou aqui, cuidado comigo, cuidado com os meus ouvidos. Foi tudo ocasional. Coincidências, elas existem, juro, mesmo fora do palco. Eles tinham os jornais abertos e falavam de novo sobre as novas frentes da guerra. Adivinhavam os locais das próximas frentes. O inglês, porventura escocês, falava em frentes em todos os locais da Terra. Eu pensava no rapaz que me visitava, na monotonia da sua vida, condenado a

ouvir falar da beleza das catástrofes, junto dos seus pares. Naquele momento, estaria ele a rodar a guita com o canivete preso? Não havia música nenhuma, antes houvesse. Eu continuava a aproveitar o sol, rente à minúscula parede. Então mudaram de assunto, para alguma coisa que não deveria ser assunto nenhum, e eu ouvi o homem franzino dizer – “Querem ouvir o que ele diz?” E outra voz, bem mais aguda, gritou – “Diz, rapaz, diz o que disseste há bocado...” Ouvia-se a voz do júnior em surdina, e nesse instante uma outra voz, forte, grave, talvez a voz do homem que usava o tirolês, disse muito alto – “O gajo contou que todas as noites dorme com ela. E agora não quer dizer...” Foi isso que eu ouvi. Depois o meu visitante falou baixo de novo, e a seguir berrou, um grito, uma coisa absurda soou no ar. “Calma!” – respondeu alguém. Voz fina. E alguém riu, alguém de novo falou baixo. O meu visitante irritou-se e disse em voz alta – “Vão à merda, isso eu não digo...” E o grande, ele mesmo, o do chapéu de tela, gritou por sua vez para dentro do bangaló – “O Rudolfo! Rudolfo? Telefone à mãe deste rapaz e diga-lhe o que ele nos disse. O grande malcriado, é mesmo um atrevido... Nunca mais vai pôr as mãos no volante dum automóvel... Diga isso à mãe. Ouviu?” “Rápido!” – Ouviu-se de outro lado.

Depois, voltaram a falar da guerra, sem nenhuma hipótese de paz.

Mas as ameaças contra o meu visitante não correspondiam a uma verdadeira intenção. Eram uma fantasia passageira, uma punição a brincar. E ao contrário do que fora anunciado, pelo que pude deduzir, o rapaz acabaria por ser promovido. Pois nessa mesma tarde, o homem atarracado, o que usava o tirolês, abriu as portas altas do Pajero e mandou sentá-lo ao volante. Estiveram lá dentro algum tempo em experimentações várias, até que o sólido engenho cor de prata começou a deslizar. Parou a meio do declive molhado, como se aí tivesse ficado encalhado, voltou a arrancar, desaparecendo ao fundo. Ao cair da tarde, o jipe conseguia subir pelas mãos do júnior, tendo sido por ele mesmo gloriosamente estacionado ao lado da 4L decrépita. Em volta a natureza brilhava, o Pajero reluzia. Houve de novo palmas, não bravos, como no início, mas palmas. O franzino da bengala berrava, no meio do grupo, que o tipo iria ser um ás em condução. O homem grande, esse só condescendia, deveria ser seu, o jipe. Mas era um outro quem gritava – “Francisco! Francisco, vem cá! Faz favor de vestir o anorak...” Ouvia-se por todo o recinto. Isto é, alguém amava aquele rapaz. Quem o amava? Todos, só alguns? Um deles mais do que todos? Quem? Quais?

Não, nunca me passou pela cabeça confrontar o rapaz com a sua fantasia sobre as nossas noites. Não sou tão feroz como me fazem. Esse era um balanço só dele, dizia respeito à sua própria vida. Que me importava que alguém dissesse dormi com

ela? O que era isso mesmo, de dormir com alguém? O teatro ensina que todos dormimos com todos, se olharmos de longe para a face da Terra. E é válido para todos quantos estão vivos, quanto mais para os que ainda agora nasceram. Confesso que fiquei quieta e muda à espera. Direi a verdade – Esperei que o efabulador batesse à porta, quando viesse a noite. Esperei por não esperar, sem o conseguir e sem deixar de o desejar. Ele não apareceu. Naquela noite, o meu visitante fora levado para a ceia, num daqueles carros, no meio dos seus companheiros. E eu pensava, entre o alívio e a decepção – Amanhã, amanhã, ponto final. Já está...

E assim a noite do dia seguinte veio, como eu desejava que viesse. Os vidros encobertos pelos estores. Proveniente do outro lado, era ele mesmo quem chegava. Começou por bater devagar, por empurrar a porta, por voltar a bater, esgravatar na janela. O que caracterizava a batida desta vez era a persistência, não era a violência. A certa altura, ouvi chamar – “Berta? Berta?” Conhecia-lhe a voz de a ouvir no meu ombro. Imaginava-o do outro lado da porta.

Estaria sóbrio? Teria outra vez bebido? Como teria o cabelo? Solto? Colado? Vestiria blazer? Que sapatos, que calças? – Via-lhe o dente que antes fora encavalitado, a catadura rígida, depois os olhos escuros com a nesga luminosa lá dentro, os olhos fechados, entregues ao sono. Os ténis cheios de areia, via-o como deveria encontrar-se naquele momento, encostado ao madeirame, na humidade da noite, à espera. “Berta? Que raio...” – Seriam duas horas. “Abres ou não abres?” Era isso, o rapaz precisava de tempo para compreender. Face a tanta persistência, eu ainda pensei levantar-me para entabular uma fala com ele, falar-lhe de razões, causas, honras, direitos, palavras desse género, balizas feitas de granito e ferro que arrastamos dentro da gente, e de que somos as primeiras vítimas se acaso de todo as perdemos. Mas não podia ceder. Estava decidido. Bastava que viesse e não entrasse, para guardar para o futuro a memória daquele passo decisivo. Eu preferia que ele guardasse a lembrança da minha porta fechada, os estores descidos diante de si. Preferia que soubesse que algumas portas não se lhe franqueariam no futuro, e que seria atrás dessas, precisamente, que ele iria desejar construir os paraísos perfeitos. Eu não me levantaria do lugar. Que batesse na porta fechada, pois era por si mesmo que batia. Quase me sentia orgulhosa por essa decisão. O sádico triunfo dos mestres sobre os discípulos. A última vez que dei pelo rumor nos vidros deveriam ser umas cinco da manhã. O solo continuava molhado. “Abres ou não abres? Anh?” – perguntava, pressionando a porta. Era ele, no seu estilo revoltado, tal e qual. Depois ouvi o som dos seus sapatos a passar sobre a relva encharcada. As passadas do belo efabulador,

afastando-se. Pensei que se dirigia para os bangalós da frente, que tivesse consigo uma chave, e no caso de não ter, talvez houvesse uma admoestação à entrada. Ou então risos. Por que não risos, quando o rapaz entrasse? Mas não. Na breve noite que restava, apenas ouviria rumor de carros.

Um rumor tão próximo quanto abafado.

Pois talvez a caravana dos homens distintos finalmente abalasse. Talvez o mau tempo abalasse com eles, uma cauda de nuvens empurrando a caravana até os dispersar pelos vários países da Europa, ou por outras paragens mais distantes. Não iria ser Páscoa? Então que se fossem e me deixassem em paz. Por mim, ainda faltava muito do que tinha a perder e muito do que tinha a ganhar. Oito dias mais, se não chovesse, três se o mau tempo continuasse. Essas eram as minhas contas, enquanto o sono não vinha. O final das réplicas batia-me nas fontes. Chamei as palavras que durante todo o dia haviam ocupado o meu pensamento, chamei-as com receio de que não estivessem mais comigo, pela encruzilhada que se me havia criado no espírito. Mas não, eu chamava-as e elas ali estavam, escuras letras de imprensa alinhadas, lustrosas, brilhando na penumbra do bangaló. Eu duvidava, porém, que as palavras que Martim havia recolhido do filme da Tilda para rematar as minhas falas de quatrocentos anos, fossem adequadas para encerrar o século vinte de Orlando. Diria eu, de calção pelo joelho – “Nem senhoras nem senhores. Estou entre a vida e a morte, entre o princípio e o fim. Não sou homem nem mulher... Já estou começando outro início e ainda nem terminei este fim... Estou entre a vida e a morte...” Repeti várias vezes as mesmas palavras. Mas devo confessar que as repeti fazendo caretas no escuro.

Para dizer a verdade, esse grande final escolhido por Martim, ao contrário do que era sua intenção, parecia-me ser um enxerto indevido, um remate sem humanidade, a criação de uma figura fora da vida, uma fuga à matéria, o vislumbre de um ser sem umbigo nem nádegas, a apoteose por um ser angélico sem pernas nem coxas, sem sexo nenhum, nem de mulher nem de homem. Um anjo. Um anjo detestável. Um perigo. Eu estava acordada ou estava dormindo? Tinha-me sentado na cama, e ligado as luzes. As réplicas finais haviam conduzido a minha personagem a uma abstração. Uma minhoca nos céus. Um anjo nojento. Eu preferia que se regressasse, de facto, àquele ano de mil novecentos e vinte e oito, metade da personagem voasse no aeroplano, e a outra metade mostrasse os seios à lua e tivesse um colar de pérolas que ardesse na escuridão, conforme o original, e os dois unidos fossem só um, que por instantes de vida se separavam. Para quê alterar o que era de Orlando? Preferia que as

duas partes unidas existissem dentro da mesma figura, e permanecessem antigas, próprias da velha modernidade do século vinte, a imaginar o nascimento do anjo como horizonte do futuro. Pois como poderíamos rir do mundo, revolvermo-nos no grácil e no burlesco, no tira tira das máscaras, se desejássemos o anjo? O anjo sem corpo de carne, a morte futura dos seres humanos? – E como se os pensamentos e os desejos involuntariamente se colassem uns aos outros, por uma cadeia secreta, durante um momento, só durante um momento, não mais, arrependi-me. Pensei que se eu pudesse ter sido simples como uma camareira muda, e útil como uma prostituta de ocasião, naquele momento, o rapaz estaria ali comigo, dormindo sobre a minha almofada, o seu cabelo preto estaria no côncavo da minha mão, e eu teria feito algum bem ao mundo.

Mas pensei só durante um instante, pensei com receio de que o anjo sem corpo me levasse para o lugar do nada, a cavalo nas suas asas bolorentas e o nada fosse tão nada que nem admitisse o fungo do bolor. Para, Berta Helena, para... Ao alcance da mão havia vários frascos de pílulas. Papoila vermelha cruzada com passiflora, e valeriana cruzada com hipericão das lezírias, produziriam uma boa mistura. Para, Berta Helena... Onde estava um grande copo de água? Traguei de um só gole as quatro drageias. Sem dúvida que o sono iria ser reparador, iria ser um daqueles sonos mortais em que nada se escuta a não ser o voo dos pássaros, que muitas vezes não há, ou umas passadas no lajedo que não acontecem, mas soam. Sons de talheres e brunches que não existem. Ah! Berta, Berta, a atriz que tu és... Desta vez, o sono sem fim era puro efeito das ervas. Um belo sono sem fim.

Que horas seriam?

Não interessavam as horas. Há dias assim. Uma parte do meu corpo acordava, outra não. Tinha dormido em fato-de-treino, vestida e calçada, e talvez por isso a cama não me tivesse reconhecido e não me quisesse libertar do seu côncavo raso. O edredão colava-me à moleza das suas penas e não me queria devolver à ação. Mas eu sabia muito bem que mal conseguisse ficar em pé, tudo se alteraria. Regime formidável. Os lugares reboludos do meu corpo tinham perdido o peso, os músculos tinham adquirido volume e potência, os meus ossos haviam ganho a essencialidade das traves. Agora quando corria, sentia que uma harmonia de arcobotantes sustentava os meus movimentos. A astenia da manhã era só um intervalo. Quando pusesse o pé no chão, o meu corpo voaria. O problema seria chegar até lá. Pois além estava o duche, ali a kitchenette. Tudo pequeno, tudo próximo. Mas talvez eu não chegasse até nenhum desses lugares sem primeiro respirar o

ar livre. Sem encher o corpo com o ar condensado das essências que sopravam da praia. Magnésio, iodo, pepitas de ouro invisíveis, fluxos benignos a confluírem na pessoa que em breve passearia no palco com a elegância de um galgo afegão. E pensando nisso, na fluidez das minhas pernas esguias, na estreiteza da minha cintura, consegui ter a energia suficiente para escorregar até ao soalho, gatinhar entre os móveis e sair para a rua. Aí, contei pelos dedos.

“Esteve seis horas consecutivas à minha porta. Quem sabe? Talvez aquele rapaz me ame...” – Pensei, encostada à parede. Mas era preciso pensar noutra assunto.

Pensar, por exemplo, como era inacreditável que aquele espaço, e aquelas habitações de nada, aparecessem na publicidade sob a forma de uma casinha terna com uma palmeira inclinada a cair-lhe por cima, sendo tudo mentira. O que ali estava, naquela manhã, era não só o seu oposto, como o seu próprio desmazelo. Até a clientela distinta ajudava – Mesmo em frente, uma cadeira de plástico encontrava-se virada de pernas para o ar, as duas mesas dos brunches estavam separadas cada uma para seu lado, como num acampamento abandonado à pressa, e sobre o cômodo só restava a 4L, como aquilo que era, uma coisa velha, sem préstimo para nada. Inacreditável. Por certo que os homens elegantes tinham partido e haviam deixado à chuva e ao sol o carrinho miserável para se decompor ali mesmo. E de súbito passou-me pela cabeça a ideia de que talvez o rapaz tivesse fugido. Por que não? Uma coisa lógica formava-se-me no pensamento com a força dum vislumbre – “Foi isso, fugiu, e os companheiros, desesperados, foram atrás dele...” A hipótese ganhava cada vez mais consistência. Face à fuga do júnior, os homens da colónia haviam abalado sem terem tido tempo de arrumar os seus pertences. Aliás, ali mesmo em frente, peças de roupa pareciam ter sido atiradas ao acaso, quadrados de relva fora. E as portas dos bangalós dos homens encontravam-se abertas de par em par. Diante de uma das portas, rebojavam dois sapatos e um chapéu. À sombra da palmeira, um cadeirão emborcado. Era possível que tudo isso tivesse uma outra interpretação que eu não conseguia atingir, porque ainda não tinha respirado, ainda nem me havia lavado, nem sequer tinha tomado um único grama de giseng. Mas conseguia perceber muito bem, pois era muito nítido e não carecia de energia nenhuma para se compreender que a camareira muda estava a passar com um pano às costas, e me dizia de longe – “Foi no jipe, minha senhora!”

E antes de continuar o seu caminho apressado, na direção da praia, ainda disse – “Vêm tirar o nosso pão...” Mulher rude, tanta gente rude, pensei.

Então consegui fazer uma marcha em ziguezague até ao rebordo da falésia, sabendo que demoraria a compreender o que se passava, já que alguma coisa se passava, para a mulher falar no seu próprio pão. E era preciso cuidado, pois não sentia a planta dos pés. Sentei-me numa formação de areia cor-de-rosa e fixei o mar largo. Só depois percebi que alguém gritava de baixo, a partir da praia – “Tragam um cabo!...”

Fiquei a olhar naquela direção, durante muito tempo. A praia estava povoada. Somava o que se mexia com o que estava parado, o movimento das ondas com o objeto pesado que lhes resistia. Somava o trajeto dos carros com letras evoluindo na praia com as lâmpadas apagadas que alguns deles traziam no tejadilho anunciando a sua função. – “A merda dum cabo, pá!...”

Pus-me de pé.

Aí o cabo surgiu, engatou-se ao guincho, os mirones afastaram-se e tudo se esclareceu dentro do meu espírito empobrecido – Lá onde o mar batia contra a muralha de areia, estava uma toalha estendida sobre um vulto. A toalha era curta, de um lado sobejavam dois punhos de anorak, e do outro, dois ténis calçados. Em volta, muito mais gente do que as pessoas que constituíam a colónia de homens. E entre estes, aqueles que eu conhecia de vista, mas não de nome, havia os que se abraçavam. Era um desfecho. Como é que eu não tinha pressentido o desfecho vir a caminho, se todos os sinais me haviam sido dados?

E assim comecei a ouvir as ondas, os motores, as vozes, os passos. Os telefones a tocarem. E todas as palavras iam ter a uma só palavra – Francisco.

Francisco no meio dos abraços. A partir daí, sei tanto quanto o homem grande sabe.

Aliás, sei por certo muito menos. Escusarei mesmo de falar. Até aquele homem, ele próprio, sem eu pronunciar palavra sobre o assunto, compreenderá por que razão Orlando acabou por ficar suspenso sine die, sine hora, sine anno, Orlando definitivamente adiado. Não vou precisar de explicar àquele homem as razões óbvias que me fizeram desencadear esse prejuízo sobre a minha pessoa e sobre muitos outros. Sobre a casa de espectáculos que enviou uma nota seca à imprensa e recolheu o telão. Foi a forma que encontrei, senhor não sei quantos, à minha espera no Salão do Ritz.

“Senhor?” – disse eu, pressentido que o homem estava diante de mim. Pois estava. Os meus olhos encontravam-se à altura do seu peito. Dava para ver que o homem não tinha consigo nem o malote nem o porta-fatos, por certo que os havia feito guardar nos arrumos da Recepção. Mas ali estava, e era exatamente como eu tinha imaginado

a partir do único encontro cara a cara que havíamos tido, a meio da falésia, ia eu a descer, vinha ele a subir. Nesse outro momento, o grandalhão não tinha nem sapatos nem chapéu, tinha só o risco de tinta-da-china sobre o lábio. Tal e qual, ali estava. “Senhor?” Tal qual, não. Naquele dia, estava pálido e agora estava rosado, naquele dia estava desfeito, agora estava refeito, naquele dia tinha a fralda branca fora das calças brancas, agora tinha a camisa apertada por um cinto, e no peito uma gravata cor de vinho às pintas. Naquela manhã, tinha um ombro saído para fora da camisa como se tivesse andado numa luta e alguém lhe tivesse puxado por um braço, agora tinha um fato de grande corte, azul-escuro, ajustando-lhe a silhueta. Naquela manhã era um desgraçado, agora, porventura, era um homem notável. Naquela manhã, descalço, era empurrado ladeira acima, por um magote de homens estrangeiros e nacionais, entre eles um de bengala. Agora só a sua figura no meio do Bar do hotel metia respeito. Mas se vinha perguntar se eu me lembrava de tudo, e se estava disposta a esquecer, claro que eu estava. O teatro ensina que uma parte substancial da vida é para perder. “Senhor?”

– Eu gostaria de o tratar de outro modo, mas continuava sem conhecer o seu nome.

Ele disse-me – “Desculpe, mas estou há uma hora à sua espera. Da Recepção até já lhe telefonaram para casa.”

Eu olhei o relógio, fazia tempo que não tomava ervas nenhuma, funcionava só com o meu cabedal, mas era um facto, tinha passado uma hora sobre o tempo acordado. Era muito curioso. “Senhor?” – disse-lhe eu, e ainda nem me tinha levantado da mesinha do Bar. “Calcule que eu estou aqui há duas horas, neste lugar exato, à sua espera...” O homem olhou-me longamente. “O senhor além, entre as suas malas, eu aqui. E não nos vimos...”

“Precisa de alguma coisa?” – perguntou, desconfiado.

Não, eu não precisava de nada. Naquele manhã, ele, o homem, também não precisava de nada. Um desgosto de amor e de morte é isso mesmo, declarar-se à vida que não se precisa de nada. Mas agora ele estava refeito. Aposto que envernizava as unhas. “Não preciso de nada. Não sei se vamos falar aqui mesmo...” Pois ali mesmo, não, ali ele não queria falar. Atravessámos o salão, percorremos um corredor, subimos uma escada, tudo atapetado, tudo de cristal, e finalmente chegámos a um gabinete amplo onde se entrava como num cofre de veludo. Sem som. Sentámo-nos em pontas de sofás distintos, como inimigos. O homem olhava para o relógio, percebia-se que tinha chegado e já iria partir, que não iria haver encontro nenhum, que não servira para nada eu ter inventariado

os factos, aquilo era só um serviço rápido em trânsito, uma conversa de hotel, entro eu, sais tu. Perfeito, perfeito. As orelhas dele eram grandes, mas nem vermelhas nem descomunais como me haviam parecido ao entrar no Salão. Tudo fantasias dos meus sentidos. Escuto. O cavalheiro concentrou-se, e durante um momento ainda hesitou, desconfiou de mim. Estou habituada a detectar os sinais desses sentimentos primários, e ele dava abundantes mostras disso. Compreendia, aquilo era uma simples acareação. Senhor?

“Pois bem, a senhora desculpe os termos em que a abordo...” O homem hesitou e logo concluiu – “A mãe do rapaz deseja saber se a senhora dormiu de facto com o filho, e em caso afirmativo, se ele foi feliz...”

Sim, claro, compreendia muito bem a pergunta. Era uma maneira de dizer como outra qualquer. Era uma maneira de dizer. Bastaria uma palavra para criar o rosto de um homem, de tal modo é ténue o que tece a imagem da vida. Claro que eu sabia fazer distinções, aquilo que ela, a longínqua mãe, queria escutar não era o mesmo que o meu interlocutor direto pretendia ouvir. Absolutamente compreensível. Afinal, era por essa prova que o homem tinha viajado. Afinal. Tudo lógico, tudo respeitável. Menti-lhe, disse que sim, assegurei-lhe que o rapaz tinha sido muito feliz comigo. Disse-lhe, e tinha consciência de que ao dizer era credível. O homem ficou pensativo.

“Desculpe a delicadeza da pergunta, mas tem por acaso a senhora algum pormenor, algum detalhe, que eu transmita àquela senhora? A mãe do rapaz?”

“Desculpe o senhor” – disse-lhe eu. “Mas não se deve revelar o que se passa entre dois amantes, nem na vida nem na morte. Não acha?”

A linguagem que usávamos deveria parecer de outro mundo, tão cerimoniosa era. Uma coisa velha como a maior parte das peças que atingem os palcos e fazem bilheteira. E no entanto a realidade era viva, contava seis meses apenas e era esta. O homem forte não me deixou o cartão nem me disse o nome. Empurrou-me devagar até à saída do Ritz onde o oficial de serviço levantou o braço e me chamou um táxi. E ao começar a viatura a deslizar pelas ruas, eu disse como o italiano costumava dizer – Rapido! Talvez o verdadeiro destinatário, em qualquer parte, o ouvisse.